

[ROMANCE]

BALADA DE UMA RETINA SUL-AMERICANA

Carlos Machado

[[[]]]
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná 


Anedra
Brasileira
edições

**BALADA DE UMA RETINA
SUL-AMERICANA**



ANADARA BRASILIANA EDIÇÕES

1ª Edição - Copyright© 2024

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, distribuída, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação, ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem prévia permissão por escrito do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Machado, Carlos
Balada de uma retina sul-americana / Carlos
Machado. -- 3. ed. -- Paranaguá, PR : Anadara
brasiliana Edições, 2024.

ISBN 978-85-85063-27-6

1. Ficção brasileira I. Título.

24-234192

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

COORDENAÇÃO GERAL DE PROJETO:

Anadara brasiliana Edições

COORDENAÇÃO EDITORIAL:

Rosana Barroso Miranda

ASSISTÊNCIA EDITORIAL:

Dan Porto

REVISÃO ORTOGRÁFICA:

Agláé Gil

DIAGRAMAÇÃO DE CAPA E MIOLO:

Yaidiris Torres

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO:

Ivana Cassuli

Carlos Machado

**BALADA DE UMA RETINA
SUL-AMERICANA**

3ª edição



Curitiba, 2024



*para Esther Tribuzy, Leonardo Campoy, Mariana
Litwinski, Giancarlo Bardelli.*

SUMÁRIO

Apresentação	7
Primeiro dia: butterflies no estômago.....	9
Segundo dia: color sépia.....	12
Terceiro dia: o dia em que se ouviu candombes no cemitério de elefantes.....	15
Quarto dia: por aqui, guardam-se os suspiros no bolso.....	17
Quinto dia: pisar no azul da balada para un loco.....	19
Sexto dia: tango com suco de cupuaçu.....	21
Sétimo dia: fico estado de árvore.....	23
Oitavo dia: o condor de penas babilônicas.....	25
Nono dia: 28 anos desceram o gelo	27
Décimo dia: San Martin feito com cimento diferente.....	29
Décimo primeiro dia: e assim, o dia cai pela janela.....	31
Décimo segundo dia: "meu peito não é de silicone"	33
Décimo terceiro dia: las orellas de la ruta	34
Décimo quarto dia: por la razon o por la fuerza eu hei de respirar entre as montanhas	37
Décimo quinto dia: o dia em que Belchior se encontra com Neruda nas vinhas pacíficas	39
Décimo sexto dia: valor do pedágio: cem sonetos de amor.....	41
Décimo sétimo dia: o interior se veste de mar e casaco chileno	43

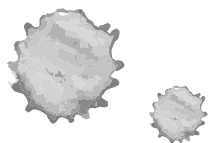
Décimo oitavo dia: voltei às origens num lombo de llama.....	45
Décimo nono dia: drummond vestido de carabinero de chile	47
Vigésimo dia: o ponto em que o deserto encosta o pacífico na parede e o deixa transtornado	49
Vigésimo primeiro dia: baía de todas as camionetes com câmbio hidramático	51
Vigésimo segundo dia: um urubu pousou em minha sorte.....	52
Vigésimo terceiro dia: em uma mesa de bar com Chico Buarque e Jaime Torres.....	54
Vigésimo quarto dia: pegaram um punhado de areia e assopraram em meus olhos	56
Vigésimo quinto dia: as llamas altiplanas usam carteiras de dinheiro, nadam em lagoas geladas e caminham de mãos dadas com os flamencos de bunda vermelha	58
Vigésimo sexto dia: o dia em que as cinzas ficaram presas na barba sempre por fazer.....	61
Vigésimo sétimo dia: o que uma xícara de nescafé a 4 mil metros de altura não faz?	63
Vigésimo oitavo dia: um quirquincho vestindo cordas e cantando os andes.....	64
Vigésimo nono dia: pata-hoiri diz até logo.....	66
Trigésimo dia: onde foi parar o condimento?.....	68
Trigésimo primeiro dia: butterflies no estômago só dos sapos.....	69
Carlos Machado	70
Sobre o autor	71

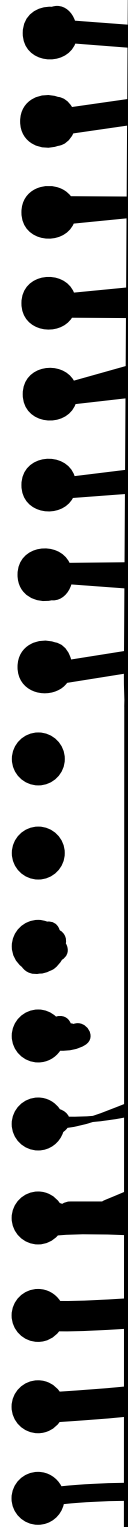
APRESENTAÇÃO

Balada de uma Retina Sul-Americana é uma obra poética e reflexiva, com a qual o autor nos conduz por uma jornada através da América Latina, mesclando memória, paisagem e identidade. O enredo se desenrola em viagens que cruzam fronteiras entre Brasil, Argentina, Uruguai e Chile, numa narrativa rica em sensações e experiências culturais. O protagonista, em seus deslocamentos, busca compreender a si e às marcas que a Geografia e a História do continente imprimem em sua vida.

Por meio de uma escrita lírica e densa, Machado transforma cada lugar visitado em um símbolo das contradições e riquezas da América do Sul. O ritmo da narrativa evoca não só as paisagens físicas, mas também as camadas emocionais e existenciais do narrador, que reflete sobre o tempo, o pertencimento e as cicatrizes de um continente marcado por lutas e deslocamentos.

O livro explora as fronteiras físicas e simbólicas, enquanto conecta a vida pessoal do protagonista com os espaços que atravessa, criando uma ponte entre o íntimo e o coletivo, entre o presente e o passado. *Balada de uma Retina Sul-Americana* é, assim, um convite para redescobrir a América Latina, suas cidades, seus sons e suas histórias, numa reflexão profunda sobre o que significa viver e se mover nesse vasto cenário.





PRIMEIRO DIA: BUTTERFLIES NO ESTÔMAGO

Enfim. Gripe. Lógico! Um aperto no esquerdo pelo sangue-do-sangue e pela pele. Duas vezes fiz as malas: mínimo pelo máximo. Ou, como diria Gregório: o todo pela parte. Será a parte pelo todo? Bem, junto às calças, passos portenhos, vinhos chilenos, areia do deserto. E tudo isso bem ao centro de minha sala. Essa de tantas conversas desabotadas e lavadas à mão. A noite nada dormida guarda muitas pequenas mortes camufladas pelo silêncio forçado às paredes. Os vizinhos, sei que, tampam os ouvidos e viram as costas. Fingem não querer o mesmo. O calor escondido na dor de garganta entretida com chá de alho e mel. O gosto acre dessa água sempre traz náuseas combatidas com chocolates Garoto (não o de 170 gramas, mas o de 200). Assim que os olhos se cansaram, já se ouvia no quarto o despertador intruso de sempre, infame, amaldiçoado por todos. Banho. Café, café, café. Sempre me sinto esquisito no abraço de tchau, como se fosse sempre o último (levando em consideração que é um tchau escrito em português). Mas a empolgação de cheirar o Chile atacameño não deixou a dor ainda maior. A cinco dias de distância, encontraria o abraço dançando um tango em Buenos Aires. Quinze minutos fora do combinado, eu a encontrei com o porta-malas arrumado para mim. Ainda noite, via-se a Lua: um pequeno Valle de la Luna em uma Curitiba qualquer. Prontos para o terceiro. O último espaço para as malas e assim, Florianópolis. Estrada limpa, duas pistas, ainda o frio da noite e a pequena intro-missão de um Sol agora catarino. Lenine solfejando sua aparição, pandeiro violão, e logo penso na única razão de estar ali, sentado entre o aperto e a vontade de sempre na estrada. Fazer o possível e o impossível para sair, apenas caminhar entre notas, palavras. Sempre com a cara de uma MPB barroca: guitarras, Jackson, Noel. Em mim sempre o mesmo Gullar e Raimundo. Mundo, mundo,

vasto. Com uma parte e outra: todas, na verdade, são aqui. Será arte? No rádio a antítese – que é falsa – continua: Portishead, Whitesnake, O Grande Encontro. Será sempre assim só no Brasil: pandeiro em um show de heavy metal? Será só cultural? Bah! Quanta besteira que se ouve. Não se veem as várias molduras do mesmo quadro, nem mesmo com óculos de grau? Confio, sim, nos cegos. Nos poetas. Confio, sim, no pé de Glauco Mattoso, na árvore de Manoel de Barros, no nasal de Chico Buarque, na avareza elétrica de Blackmore. Enquanto isso, voa a cabeleira. Vento de um outro estado entrando pela fresta escancarada da porta branca ao lado. Apenas passando por Torres. Mas devo admitir que foi o apenas mais rápido de quem não pegou no volante e (ainda) nem no sono. Três estados em poucas conversas. Tem-se apenas possibilidades. As muitas horas ainda não viraram poucas. Desbotamos o Paraná e Santa Catarina: e bem que um chimarrão não ia nada mal. Chimarrão com Elba Ramalho?

Veja esta história: quatro meses pensando o Chile. Reuniões que acabavam em pizza (sempre Baggio). Os quatro querendo resolver problemas que ainda não existiam na realidade, apenas se inventavam. Soluções para o nada. Quando nos ouviam, não nos diziam outra coisa a não ser, como assim “?”. Dinheiro, estrada, carro. Discussões que nos levavam às maiores artimanhas de solidão, pensamentos efêmeros e noites maldormidas, esquecidas no dia seguinte nas salas de aula e no encontro com a pele. Encontro que nem em quatro meses se fazia esquecer, apenas lamentar os dias de viagem do depois do Mar Del Plata. As horas foram roubadas de estar à cama aos abraços, confissões de amor e fidelidade. Desempenhamos o papel do bom homem civilizado, o mesmo que se espantou ao saber da poligamia dos Tupiniquins. Dos mouros exala-se o Narguilé de uma rica Curitiba. O cheiro do bar Baba Salim foi colocado na parte interna de minha mala e me foi acompanhando o alívio de se esquecer do medo de uma grande cidade, dos pequenos pueblos, de ficar na estrada ao lado de uma placa de: próxima estación de serviço a 300 km. Essa moça do fumo nos leva ao Oriente regado de maçã. Mas ficamos em uma Curitiba. E, assim, as dúvidas – apelidadas de butterflies na barriga (como se faz quando o carro passa em um pequeno

morro e logo desce) – extrapolavam o tempo. (Logo não saberia qual é esse). A viagem dos quatro era, na verdade, de todos ao redor do gosto. E assim a última semana trouxe, a cada dia, mais e mais pessoas ao Chile. Um deles decidiu imediatamente. Disse-me que iria amanhã. Hoje resolveria os problemas inexistentes. E com isso eu pensei sobre nossas reuniões antecipadas: quatro meses? Patéticos.

A última cidade do primeiro dia parece nunca, nunca, nunca chegar. Quanto mais perto, mais longe. (O clichê sempre deixa seu rastro infame pelo ar). Afinal de contas, o que são 200 km para quando já se foram 1000? Chegar ao hotel com um nome semelhante, lixeira rosada em frente às casas coloridas, tomar um banho (e logo sair suado), disputar um pequeno espaço com os pernalongos e comer sentado a uma mesa de padaria. A moça não entendia quase nada de nossa fome. Os últimos a comerem naquele dia. As portas quase fechadas nos diziam para sermos rápidos. A curiosidade é, também, em ouvir o sotaque de Pelotas. Casas, cestas de lixo, pessoas baixas e o “tu” não conjugado? Até parecia mentira, mas foi realmente o que se tinha. E mais: construções do século XIX, chafariz romano ao lado das lojas Renner (sonhando em ser uma C&A), uma pequena Rui Barbosa, boca do lixo, rua Riachuelo. Curitiba sempre à vista. Curitiba em cada esquina. O cheiro é de uma cidade que foi. Uma época em que se levavam os filhos a estudar na Europa e os vestiam como almofadinhas, sempre em contraste com os gaúchos da fronteira e suas bombachas. Esqueciam-se as cuias de chimarrão em cima da mesa do aeroporto francês e vinham fumando charutos Sweet. Calor, calor, calor. Carregados por asas e zunidos de insetos durante a noite passando lentamente por mim. A mão que parece não ter descanso entre eles. Em Curitiba tinha até me esquecido da existência dessa coceira. Uma pequena Londrina, no Rio Grande do Sul. Bem que podia ser inverno! Ah! A erva-mate jogada na rua ao lado da garrafa térmica, protegidas por pessoas sentadas em cadeiras de paralelepípedos.

Ao lado do hotel apenas um ponto de ônibus antigo e uma casa na qual se veem mulheres entrando eretas e cambaleando as pernas ao sair. Mulheres de Bukowski. Mas não são elas que estavam ali antes de tudo?

SEGUNDO DIA: COLOR SÉPIA

Desse feito, digo que foi só pensar próximo ao Uruguai e ouvir o cheiro da chuva dos pampas. Sempre tinha ouvido falar que chove muito por esses lados, mas nunca imaginei que pudesse ser como um botão que se aperta ao quase entrar no país. O calor do dia anterior foi esquecido no primeiro passo acinzentado desse campo. A estrada nos leva, uma única reta. Curvas viraram lembranças. Quando as víamos era necessária uma máquina fotográfica em mãos. Mas tinha que ser muito rápido: elas somem quando se pisca. Ainda com os mais de 100 km rasgando o Banhado do Taim. De um suspiro, do lado esquerdo, a Lagoa Mirim; do direito, a Lagoa Mangueira. Embasbacados pelo susto, os dois lados eram apenas o mesmo em linha reta. Pássaros, pássaros, pássaros. Fui eu com o carro no meio da estrada, lagoa, Rio Grande do Sul. Um casal de patos exóticos, coloridos, raros – eu pensei: talvez os únicos dois sobreviventes do asfalto, bem os que podiam dar continuidade à espécie. Prontos para chocarem os ovos. Resolveram fazê-lo debaixo do carro! Olhamos pela janela e o bico batendo no vermelho. Não só o bico: o pato todo, morto, espatifado, preso ao carro. Não se comova com isso. Foi-nos motivo de silêncio. Ao lado, a conversa e o Whitesnake pararam. Não se via vontade de saber por que o pato não foi visto pelo retrovisor quando do barulho. Ficou apenas dentro da digital. E no meio do livro de Onetti, uma pena. Depois do incidente nos pampas (ao lado de Antares), fotos. Reta, reta, reta – que cada vez mais passava lentamente pela janela: evitar os pássaros, ratos, tartarugas, insetos. Um dia ainda vou medir a pista com minha régua Faber Castell.

Chuí! Era necessário um conversor linguístico ao atravessar a rua: de um lado, português, samba, jeitinho. Outro: espanhol, candombe, cassinos. Engraçado. De dentro da janela via-se a permissão dos jogos junto ao que era proibido. De que adianta? Carros como cubanos, ferrugens, antigos, placas pretas. Uma

década de 50 ainda pelos poros. Câmbio monetário. Mais uma Rui Barbosa. Uma Curitiba na fronteira. Todas as sextas-feiras, da praça Oswaldo Cruz, sei que saem ônibus para o Paraguai. Encontrei o cheiro de sacolas no início deste Uruguai: bonés Adidas por apenas 5 reais (atentos à pronúncia). Churrasco grego. Guardadores de carro. Um lado brasileiro esquecido e igual a todos.

Chegamos à Argentina ainda com um primeiro passo no Uruguai: Punta Del Este. Leia-se Mercedes, ilhas no Caribe, Naomi Campbell. A curva do sul da América Latina. Frio de um vento Patagônico. Ainda Oceano Atlântico: ainda o mar tenebroso visitado pelos portugueses e espanhóis. A cor azul do céu sem nuvens mescla-se com a color sépia que se tem quando não se pertence a esse lugar. Gosto do sabor do sal que fica à boca quando se caminha por todos os lados do mar, quando se abre a boca para pedir uma simples informação sobre estacionamento. Roubo? Nesse lugar nunca uma São Paulo: o que dizer quando se é ultrapassado por uma Ferrari vermelha com placa argentina em frente à orla da Praia de Leste? (Ops, digo: Punta Del Este). A mesma Ferrari nos viu na mais simples pizza em metro da praia. Na outra esquina, um indício de leitura: um sebo. Livros primeira-edição. A pergunta seguinte também inevitável. É preciso saber a música do Uruguai. A própria dona dos livros fez deboche quando perguntamos de algum Chico Buarque dos pampas: assim como não existe pecado do lado de baixo do Equador, não existe um Chico Buarque em nenhuma parte do mundo: só tupiniquim. Então nos restou seguir adelante a Montevideú. Ao som de "A Rita". Ufa!

Bienvenidos a Montevideú! Na placa, encontrava a sensação de ubiquidade: estar em um lugar desconhecido, pensei. Ter mais uma grande cidade e buscar o que há de diferente e igual nesses ares. Um país que é o Paraná. Uma cidade que é – ou pode ser – o mundo. Deslocados de seu trânsito de falta de ar, sem a conhecida conexão, sem as faixas que separam um lado do outro na rua, mas vendo que se entendem. No lugar das paredes, placas de ceda el paso. Acelera para frente sem saber qual realmente é a frente. Virar a esquina pensando em chegar a qualquer lugar para estar em casa. Os rostos são como todos os que já vi. O mesmo céu, a mesma cor. Mais uma vez, respiro alguma Curitiba cinza, gotas

com pulsos fraquejados. E no mesmo dia, suor de 38 graus. Vejo, na velha Montevideú, passos de gaúchos, Artigas em toda parte, batalhas pela liberdade. A sujeira do porto, mercados, gosto de peixe e amargura. Ao lado dos postos globais, coloridos, outros lugares, vida. Um luxuoso hotel, condes, baronesas, vida cultural que agora habita duas estrelas por apenas quinze dólares. Uma cidade que arde seu passado alegrando o que ainda está por vir a cada dia, dia, dia.

Quatro meses dividindo o quanto gastaríamos com comida: uma boa refeição em cada grande cidade. Montevideú nos levou ao Dom Peperon. É claro que cobram o café. É lógico que se faz necessário acrescentarmos o cubierto. 23% de imposto em todos os produtos desse país latino-americano. Gastar em um bom restaurante somente 100 pesos. Respirar aliviado, livre de qualquer dor na consciência. Conversões de 8.8 ainda pela cabeça. Reales? Quanto sal pelo rosto, e tempo? Espera, espera, que espera. A última mesa nos serviram duas horas después. Assalto à mão armada: 200 pesos cada um de nós... e logo na primeira noite uruguaia? Amanhã? Ah! Sim! Gastar 10 pesos em uma botella d'água sem pensar duas vezes!

TERCEIRO DIA: O DIA EM QUE SE OUVIU CANDOMBES NO CEMITÉRIO DE ELEFANTES

Caminhar, caminhar, caminhar. Cosmopolita! É assim que me sinto. Uma Curitiba inteira na praça da Independência. Dono do Uruguai: Artigas. Vê-se duas cinzas, dois bonecos vivos imaginativos sempre de olho no senhor das conquistas. Mexeram apenas as sobrancelhas quando passamos ao lado, e nem foi por mérito: o vento de minha camiseta que deve ter incomodado seus olhos. Os braços pareciam paralisados por uma picada do inseto mais venenoso dos pampas. Cumprem a função de guardar. A iluminação desse mausoléu de saudades e paralisias liga as retinas de pó do herói umas com as outras. Vontade de levar comigo, ao menos na unha, cada azulejo, cisco, luz desse Uruguai. Ao lado, ficar também com todo o ouro da Catedral, limpar o odor malcheiroso da Santa Inquisição, dos espanhóis. Mas o que me restou no final das contas foi o peso caído na frente da velhinha que pede, pede, pede esmolas diante da riqueza cristã.

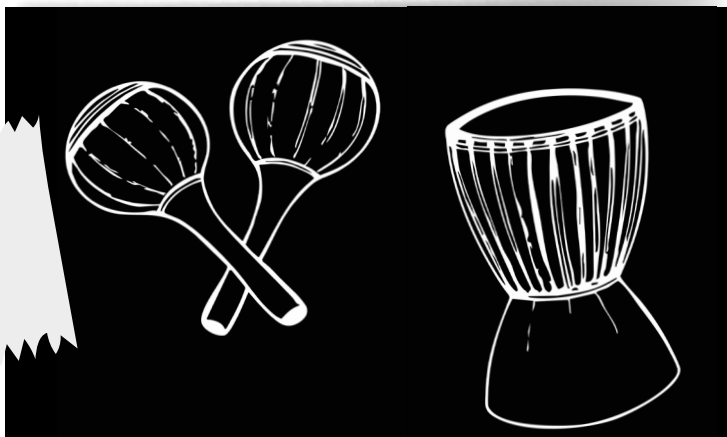
Ouçó Candombes...

El Mercado Del Puerto! O cheiro de Paranaguá, cemitério de elefantes. Óleo com sal. Não gasto a água, qual um sovina sem pesos. Um souvenir para turistas? Faça-me rir, ha-ha-ha. Cheiro de quase-vômito com vísceras, parrillas, parrilladas. Mi parilla não-querida. Sair do mercado com empanadas de 17 pesos, as melhores do mundo, mas que trouxeram aos pelos a fumaça dos porcos e da fritura que era servida ao lado. Como qualquer turista, fomos homenageados com os saberes nada precisos de nossa terra: Curitiba se transforma no que é pago para ver. Capital

disso e daquilo? Quantas porcarias ditas aos que a receberam pelos ouvidos e fotos. Estamos mais próximos a esse mercado que pode juramentar essa vã política de plásticas: bienvenidos ao tradicional churrasco uruguayo.

Continuar, continuar, continuar. O sempre igual das compras de classe média. (Só que dessa vez nada parcelado, além das vontades, é lógico). Sim, Curitiba, capital dos shopping centers.

Isso aqui se chama shopping Montevideú. E tudo por apenas vezes 8.8. O mesmo McDonald's, a mesma escada-rolante (as famosas escadeiras). O mesmo cheiro de frescura e de tédio. E justo ao lado da bela Playa de Pocetas? Novamente como bom turistas pude medir a falta que me fazem os músculos da perna depois de consumir um Uruguai. A volta ao hotel: táxi por apenas 50 pesos, por favor!



QUARTO DIA: POR AQUI, GUARDAM-SE OS SUSPIROS NO BOLSO

Ainda revelando os possíveis Uruguais. Esse agora, se inaugurou em 1856. Não se via confiar em uma construção com mais de dois andares em uma grande fazenda com cinzas pequenas. Colocar a população acima da rua era um marco dramático a se fazer. Imaginar que poderiam ser tão altos quanto os italianos? Chamaram a cavalaria. Esses sim, bravos soldados que não se importariam em cair de qualquer altura pelo nome do país. Peso em cima de peso de peso. E não é que bem nesse dia chuva com lama? Sim, mas quando não vê esse tipo de Curitiba em Montevideu? Um belíssimo dia de antes, e o cinza na inauguração. Mesmo com os sapatos sujos, viam-se abraços da nobreza com o povo. Os cavalos eram presos na mesma coxia. Os moços com os do mato, e esses com os ossos. Mas tudo regado a vinho mediterrâneo. Um teatro de sal, luxo, Mozart, Shakespeare. Duas máscaras e um fosso guardam, até hoje, o mesmo rosto de Solis.

A fotografia guardada clandestinamente em meu bolso

Os pastos, vacas, Uruguai: no canto de uma reta que leva Montevideu à Colônia de Sacramento, uma estação de serviço passada em cem anos. A única bomba de nafta que nos leva adiante, com um somido de interior, mancha a visão do horizonte que se abre, abre, abre em nossa direção. Mas como chegar é o que importa, mesmo sem saber aonde, sacar algumas fotos e saber do diferente, não maltrata ninguém. Descobrir que essa colônia ainda é a mesma. Sempre foi. Nunca duas. É Portugal,

Espanha no Brasil. Ao dobrar a única curva, quando estávamos chegando, quase atropelo Basílio da Gama que estava sentado na beira da estrada vendo os trapos lusitanos, acudindo os indígenas e expulsando os jesuítas. Nessa mesma hora, Pombas abrem espaço ao marquês que controla tudo e todos. Mas onde está? Vê-se apenas uma longa avenida que lambe o poste. Luzes no mar nunca pintadas. E atrás da rua: realejos, fados, missões espanholas. Um alto farol que se mostra impondo a seriedade. Visão de embriagar-se com Cauim dos Tupiniquins. O giro de 360° feito apenas de sal, cores e vento.

Foi um aperto! Doe a beleza do que estava por vir, sem ter visto. Quando do primeiro passo em falso pela entrada da parte antiga de Colônia de Sacramento, carrego o século XXI apenas na memória escondida. Sou agora um morador do século XVIII, luto pela posse desse caminho às pratas. Pequenas porções de pedras constroem os casebres que mantêm um colorido desbotado vivo. As pessoas parecem ter se esquecido de passar pelo tempo. O céu nunca foi mais azul e mais importante ao lado do oceano tenebroso. Sei que desce muito sangue nas veias desses paralelepípedos. A senhora com um lenço na cabeça, ouvindo pequenas trovas faladas pelo filho, diz "olá" apenas com os olhos mareados de dor e tontos de estrelas, embaixo do que se lia: Calle de los Suspiros. Nas minhas retinas, não só a Colônia, mas o início.

QUINTO DIA: PISAR NO AZUL DA BALADA PARA UN LOCO

Buquebus: um ferryboat que nada se lembra de latino. Noite. Olhar para todos os lados e encontrar o Atlântico patagônico. Vento frio de um lado. Cheiro de cidade por outro. A Lua esquentando o escuro em Colônia de Sacramento e o Sol dando pequenas lambidas no fim de Buenos Aires. Na sua primeira aparição, chove o céu em cores portenhas. E nesse momento, nenhuma Curitiba. Dentro da cabine, caminho o olhar pelo redondo: pessoas, pessoas, pessoas divididas em lugares dormem ao som das 5h30. A euforia pelo novo é grande. Já um café preto para esquentar o ego. Fotos de todos os ângulos e mais uma da pequena pétala da metrópole. Penso no dia em que cheguei de férias e vi esses bons ares espalhados pela sala de uma Curitiba essencial. Vinhos, quadros, fotos, palavras. Inevitável tê-la nesse momento aprazível, longe de qualquer acidente de trânsito que tenha tirado sua vida. Nesses dias ainda vingavam os ventos da sorte para todos. Em Londrina, viriam todas as cidades nas quais já estivera. Menos a curva que parou seu carro. Ouvia de fundo as mesmas canções que voltaram em sua bagagem. Mais uma vez digo: inevitável. Agora, o primeiro passo de tango Piazzolla, o nascer do sol e esta que não me saiu, não sai, não sai, não sai.

O primeiro passo foi dado quase como sobre os ovos. Abriam os olhos apenas quando não tinha mais outra opção. O cheiro me lembrou o antigo. As retinas ficaram com o novo e as cores. As dores da noite maldormida quedaram-se ao se lembrar da possibilidade de descobrir. Nada existia ainda, apenas motivos e tentativas. A pele! Essa, a mulher que voltaria aos abraços, dançando o mais belo tango, vestida de azul, com os cachos esquecidos por sobre os ombros. Os traços de todos os passa-

dos estavam querendo aparecer nesse rosto. Manaus, Curitiba, Buenos Aires. Nada é tão pequeno que não pode ser alcançado em alguns trançados de pernas. Encontrá-la, sem saber por onde começar, me dava as famosas butterflies no estômago. Eu, com essa cara de turista latino, em terras não tão latinas? A direção nos levou ao movimento de calores. Um café por 5 pesos para começar, ou recomendar, o dia. Hotéis falidos, caídos – e que bem cabiam nos bolsos – dividiam o espaço com uma Europa nunca vista antes. Procurei, pela rua, um rosto conhecido e só vi cabelos soltos, saltos e calças brancas. A dor que punha já tinha sido tratada com aspirina, mas o ponto final seria apenas nos braços. Os mesmos que ficaram deitados em minha cama suada do sexo da noite anterior à ida. Os próximos passos foram dados por uma amiga dos quatro: hotel americano. Enfim, o primeiro subterfúgio portenho. Mal coloquei as malas por sobre a mesa, ouço roncões vizinhos e não me perco em apertos esperados. Desespero-me ao táxi para o Albergue. Sujar as pernas no lixo do sofá, esperando a recepção em castellano. Sim, havia uma brasileira que chegara ontem, que já se fazia conhecer pela voz e sorrisos altos. Da cerveja Argentina já se embriagara na noite anterior. Isso me faz muito parar. Mas, a invenção de novas terras se esgota no querer, querer, querer, e de longas batidas no peito, a encontro passado pela noite não feita, e sinto o aperto das mãos em minhas costas. Forte. Forte. Forte.

SEXTO DIA: TANGO COM SUCO DE CUPUAÇU

O parecido português não me faz entender. Portenhos falam, não se veem. Largas avenidas, Buenos Aires antiga, riqueza, pampas, prédios. Do outro lado da rua, século XXI. Ao longo da avenida, a quebra econômica. Um lugar que se faz no que se foi, quer ser e no que se mostra sendo. Uma língua que só com olhos fechados para sentir o gosto. Da noite para o dia, como se nada tivesse acontecido pela madrugada, senti-me aliviado por estar ali. Agora não havia mais a dor, não havia mais o que me faltava. Comum aos olhos e ouvidos estava a pele morena e o cheiro de cacau de Manaus. Não via mais os quatro. O carro havia sido deixado esquecido em um estacionamento e só nos restavam passos. Mãos dadas pela Corrientes. Estar ao lado das três livrarias por quarteirão e tomar todos os cafés que eram oferecidos a cada tropeço. Indo adiante, eles faziam os planos e roteiro do dia. Atrás, só me preocupava em ficar, ficar, ficar: deitar em uma cama de casal e fazer jus ao ajuntamento dos Tupiniquins. A frescura do que se tinha de alimento se esquecia pela boca carnuda esperando pelo toque. Pela 9 de Julho me misturei com os indignados do sistema e saí protestando em nome de melhores dias. Saquei todas as fotos azuis de Buenos Aires e ainda fiquei com as pichações estampadas nas camisetas. Na feira de San Telmo, encontrei o Largo da Ordem aberto aos milhares, e de brinco em brinco, souvenir em souvenir, ouvia cochichos de palavras descansadas em tucumã, jambo, cupuaçu e pupunha. La Belle Époque da era da borracha estava bem diante de meus olhos e já tinha se misturado ao Tango.

Malba. Ainda uma grande Buenos Aires. Já na entrada, a dor frente a frente com Tarsila do Amaral. A dor da beleza, não do corte. Transgressões, romper com paradigmas e criar o nacional. Uma busca futurista em Paris. Adocicar a pauliceia desvairada e

dar o corpo para todas as pancadas preferidas em palavras dos que não veem o novo. Entrar naquele museu leva qualquer um à modernidade latino-americana, poesia concretista, tontura de alma e segura na boca. Sente-se um gosto de mel na língua ao se chocar com Portinari ao lado de Di Cavalcanti: não se pode ficar indiferente ao som desse cavaquinho pintando o samba com mil pandeiros em peles de couro. Tem-se ainda um nó no coração junto à Colômbia de Fernando Botero: um açoite corta a relação da carne do corpo com o chão, e disso se faz a viúva. Plaina, ainda, ao esbarrar, dente por dente, com o rosto de Frida Kahlo: cores passionais na coreografia quente do México. Um rodopio de sentido quando, de fora da sala, volta os olhos para os quadros e percebe todos abraçados dançando, junto à Piazzolla, Adios Nonino.

SÉTIMO DIA: FICO ESTADO DE ÁRVORE

Caminhar lado a lado com ela. Estar à pele. Morena. Essa é uma Curitiba, a de que mais tenho vontade. Aqui, ao meu passo, em Buenos Aires. Girassol em busca do calor portenho. Saio pelas ruas, de encontro com o claro das novas horas da noite. O suor do dia nos permanece em partes iguais, a mesma cor do cabelo. E há quem diga que temos o mesmo risco nos olhos pretos. As mãos dão intenção de pertencerem um ao outro. Um abrigo que não se via há muito tempo e que não me era convidado por hora. Penso em como acontecer daqui por diante e não vejo o resultado quando se tem a quebra da invenção. É como tinha que ser apenas quando se quer. Último dia por esses lugares. O tempo todo não bastou para dizer “até logo”. Diante dessa cena teria ainda mais dias, dias, dias. Uma noite dormida dentro de seu corpo, por inteiro, embaixo das cobertas. Pela manhã, um banho agarrado ao dizer mais um até-logo. Um café com media luna no hotel de saída. Sal, sal, sal. Molho o rosto com seu gosto de açúcar, único: adorável caboclinha que de polaquinha apenas uma certa Curitiba. Nada que pudesse ser feito a não ser pela cadência sincopada de um telefone, imagens desbotadas em papel Kodak e dor.

Manhã azul: 35 graus nesses bons ares sujos de saudades. Longos beijos da vontade de ficar, ficar, ficar. Olho pela ventana e a vejo pelas tabelas. E isso enquanto tudo é aspirado pelo suor de dentro do carro. Parecem as coisas derreterem à voz recatada de Adriana Calcanhoto. A ruta nos traz Mendoza: uma única reta, longa pela frente, nada mais. A manhã acaba diferente. Sobre o carro, muitos ventos da tarde. Em um ponto da estrada calor, desvio para a terra Argentina: pó quente. Moscas voam besouros em estado de árvores como uma página de Manoel de Barros. Laguna de Picasa transbordada pela margem que já é o asfalto. Um Pantanal mato-grossense. Giro os olhos pelo canto a chegar

ao fim do sol. Na direção do sul, a terra é redonda. Patagônia de Colombo. Ao norte, apenas nuvens de calor, calor, calor. No que foi deixado para trás fica a vontade de pôr os olhos e a boca novamente. Ao que vem pela frente, celebro tomando uma Quilmes e fumando um Viceroy aceso com o calor do asfalto: essa ruta não transborda em curvas.

Tão longe, tão diferente: mas apenas mais uma Curitiba.



OITAVO DIA: O CONDOR DE PENAS BABILÔNICAS

Vai triste canção, sai do meu peito. A estrada que traz Mendoza é posta à minha frente como um longo fio de cabelo branco, esquecido no meio das madeixas ainda negras. Olhem para frente: não se chega. Manhã. Pela janela, mais uma chuva depois de ser aquecida por 40 graus. A noite sem doce, sem a pele, sem gosto de cupuaçu, estreita no colchão do hotel. Uma pequena vila: Villa Mercedes. Argentina rural. Uma respiração sem sabor algum pelas ruas, apenas mulheres de tangas e calças brancas. E há quem diga que é a moda: calor sem ar condicionado. E não é que me veio Londrina? Ai, Dindi, se soubesse que me perco aqui, em Curitiba, nas retinas da lembrança, longe: pampas argentinos. E no carro, Jobim em Minas: cantando, cantando, cantando.

Condoreiro. As retas começaram a entortar! Subíamos e descíamos like a roller coaster. Via-se um pedaço de papel sendo amassado e deixado pela estrada para que as casas pudessem ser construídas por sobre o branco. Nada que já tivesse sido visto por mim. Alto, alto, alto. Abaixo a cabeça para não tontear o ar. O verde foi virando cinza com as dobras. E o calor deixou de ser aguado. Olhando para ponta dos pés, vê-se quebras e linhas azedas. Os pelos não se limpam facilmente com o sabonete e a água vem misturada com o pó deixado pelo vento árido: dos pampas aos Andes em duas retas e um papel amassado no asfalto. A máquina fotográfica se cansou de piscar as retinas pela janela do carro. Os pássaros passam dando rasante com suas asas de poesia romântica da terceira geração. Castro Alves é visto em cima do ponto mais alto, falando aos negros e aos navios: tropeçava na língua espanhola. Ao lado do hotel, um cartaz: rafting no rio Mendoza. Meu caramba, que frio!

Babilônia. Suam as línguas ao falar. Reflexo. Comunicação homérica. Nessa sala, uma mesa de sinuca, ping-pong e totó. Cozinha com pia e fogão: Israel almoçando em uma mesa australiana, ouvindo uma música japonesa degustada por sushi e yakisoba e fotografia de uma África selvagem na parede com um negro de olhos azuis beijando uma pele como de pêssego.

Uma Curitiba cercada entre nós, pães e vinho mendocino. Música eletrônica esquecida dentro de um quarto e, ao lado da piscina, um homem empunha seu pandeiro Contemporâneo vendo os corpos molhados das suecas. Feche os olhos, respire. Veja: ao seu lado visões, silêncio de todos. Essas partes formam o albergue no qual colocamos nossas malas e paramos o carro. Isso tudo, que era de um, passa a ser apenas argentino. Nada mais natural que a posse de uma parte pelo todo, e nisso eu repito o clichê do barroco. Subo nessa torre e leio frases que nos levam ao pulo fatal. Mas não sem antes acender o último Viceroy do dia. Apago a bituca do cigarro no copo de Quilmes.

NONO DIA: 28 ANOS DESCERAM O GELO

Acordar suando. Dor no estômago e as famosas butterflies – agora alopradas. Penso no que vai acontecer sem nunca ter visto, ao menos, o cheiro. Isso vem de berço: sofrer duas vezes. Ou, como diriam os mais matutos, “terás dois trabalhos: fazer e desfazer”. Esses são aqueles que ficam acomodados, sentados em suas poltronas de couro, pensando e repensando a vida, como se nada pudesse acontecer a eles de tão semelhante. Falar dos outros, longe dos espelhos, é muito fácil. Enfim, aqui vamos nós para o maior – leia-se o mais longo – de todos os dias. Longo, sim! Quase 48 horas que não couberam em uma descida de 20 km. E ainda poderia perder algumas linhas para dizer que são 28 anos – exatos – de descida: apenas um rio que passou em minha vida e que me deixou assim, com frio, mas aliviado e deslumbrado com os Andes. De um lado, Argentina. De outro, Chile. Este mostrado com o antes, com o que já fui até então. Esse com a situação e com o porvir. “Depois de passar pelas cordilheiras não serás mais o mesmo”. Subimos 45 km até o rio que desce de um gelo eterno. No caminho, Potrerillos: um agrupado de pessoas que cheiram o pó gelado das montanhas recortadas em nós. Não fazem mais que trocas de mercadorias, ainda hoje. Confundem suas línguas com a falada pelos turistas e recolhem todo o rejeitado pela terra para dentro de suas cabañas. Um pueblo andino que reforça a memória dos que foram tirados dali. Ao lado do antigo, uma única bomba de gasolina que não rejeita os pesos depositados por quem quer seguir adelante. Rocas, rocas, rocas que contam histórias mil. Cada uma delas um grito sorriso. Ao lado do rio, o guia para a van que traz nas costas o desconfiado bote de rafting. Do lado de dentro: os quatro, uma Itália e uma Austrália. Treino na margem do degelo. Sim, 40 graus no Sol e 5 na pele. Encher o capacete de água, em sinal de respeito, e batizar as cães deixan-

do-as como seus antepassados. O rio nos aguardava gracioso e, cada vez mais, bufava de ansiedade por nos receber. Passou por todos, deixando nas retinas a tatuagem do magnífico: não se vê a beleza da América Latina sem dor. Doeu a dor mais espontânea de beleza. Lá estávamos nós: um bote, remos, correnteza e, debaixo do céu mais azul que os olhos meus já viram, montanhas, montanhas, montanhas. A Cordilheira dos Andes abriu os braços e nos cedeu espaço para um sangramento de orgulho, nos deixando, ao menos uma vez, acariciar suas costas, calmamente.

A partir desse ponto, cedo o passo e começo outra vez: agora do outro lado da rua. Hoje são 28.

DÉCIMO DIA: SAN MARTIN FEITO COM CIMENTO DIFERENTE

Começo pelo mais estático dos movimentos: museu. Tudo se move em um lugar assim. Nada é como antes (e o clichê se manifesta). Guarda memórias de um lugar que existiu e foi destruído pelas montanhas. Acharam, embaixo do agora, a cidade de Mendoza. A fonte: início. No mesmo lugar, uma outra, com as mesmas cores e cheiro (mas a companhia que forneceu o cimento era diferente). Encontrar as costas andinas, sujas de terra do Aconcágua, e entregar a todos os visitantes. Vê-las em uma redoma. Esses homens não se sentem envergonhados de estarem ali, parados, e sendo observados? Caminham a passos de mula por toda a Cordilheira a chegar ao Chile. Libertá-los. Achá-los. San Martin é agora parte dessa estática. É bronze na praça, souvenir de turistas: é a melhor peça desse lugar, homem mais pomposo e nome de avenida principal. Ao lado da pose fundacional, a guia nos leva de momento a momento, com sua voz estridente e insossa, pelas galerias de pó. (Não se vê movimento em seu rosto, delira apenas a língua, salgando o céu da boca). Driblo meu entendimento e degusto ininteligíveis palavras argentinas.

Plantar, separar, amassar, fermentar, separar, guardar, guardar, guardar. Dos pés ao alumínio estão os vinhos mendocinos. Prefere um tinto ou um branco?

A percepção parece sempre o mesmo lugar bonito, badalado: onde os jovens se reúnem abraçados a algumas Quilmes, papeando com seus Viceroy's. Os preços são os maiores. Os pratos diversos. As mulheres cada vez mais dentro da moda: calças brancas com o tradicional fio-dental. Pouco mais que um palmo fechado. Mas nenhuma fria noite se assemelha à falta dos

olhares ao redor: chegar próximo a uma dessas exuberâncias da alta-costura parece ser mais difícil que descer um rio mendocino. Sendo assim, nunca olhar para os lados. Nada a que nós, de todas as Curitiba, não estivéssemos acostumados.

DÉCIMO PRIMEIRO DIA: E ASSIM, O DIA CAI PELA JANELA

Dessa vez que as veias e artérias se abraçaram, deu algo de errado: nó, nó, nó.

Como já se viu, Mendoza. Pouco mais de 1000 km de Buenos Aires. Passar o dia todo na estrada, calor, reta, e chegar aqui: deserto. Uma cidade construída com árvores e a irrigação dos Incas: Embora seja muito seco estar aqui, tenho em minhas retinas muito verde que te quero verde. Engraçado, pergunto. Tudo foi colocado aqui de maneira astuciosa, cuidadosamente, uma por uma. A praça Central se exhibe como a sempre Curitiba Osório, com um chafariz para as crianças salpicarem os pés e as cabeças. De tanto faltar, tem-se em abundância. E tudo isso vem de onde não se sabe. O reflexo do sol constrói os caminhos desde o gelo eterno até a grande piscina do mais importante clube náutico da Argentina. Ao lado das raias, um jovem restaurante invejoso com o Brasil: come-se à vontade por alguns poucos pesos. Mas não se toma Coca-Cola, porque aí tem-se muito trabalho para pagá-la. Dos poros alimentícios só vejo a terra das montanhas andinas. A pele enrugada desse pó faz caminhos de poeira entre os pelos. A cidade me parece como qualquer outra Curitiba de prédios, carros, putas e passageiros. Mas a Cordilheira... estamos aqui há horas. Todos os pingos de quem não é daqui, já enxugamos. Hoje decidimos atirar o dia pela janela e ficamos olhando-o cair, cair, cair. Lentamente: preguiça de mexer os olhos com mais violência. A respiração condiz com o barulho da água na piscina do hotel. Ao lado da mesa, restos de pollo da noite anterior. Acabei de acordar. Sinto fome. Não aguento mais a tal da media luna. De Lua, basta a dos vales. Disfarço os braços e coloco o frango no bolso. De chinelo havaianas (coqueluche deste verão latino) e bermuda de mais de 10 dias, entro no quarto, subo a beliche e, com água de

los Andes e bolacha sem sal, como-o da mesma forma que se faz com um filé mignon na Curitiba Dom Gabriel.

Antes de chegar ao Chile é preciso deixar um souvenir aos argentinos. No Uruguai o prato foi sempre à milanesa com Paso de Los Toros de pomelo: muita gordura, fácil de ser expelida. Já na terra azul, dá-lhe media luna seca com suco de uva branca e vinho mendocino. Cada dia uma cama vizinha. Cada sinal de barriga um banheiro dos outros. Alarme sempre falso. Mas hoje decidi ser incisivo: o meu presente será dado mesmo que se inunde o chão de suor.

A mesma água que sai dos canos de dentro da piscina é a que entra em meu pulmão. Isso quando não vem acompanhada de um garboso Viceroy!



DÉCIMO SEGUNDO DIA: "MEU PEITO NÃO É DE SILICONE"

Vou inventar um dia: jogar futebol com os argentinos. A disputa é sempre grande. Começa na conversa de bar. A Quilmes sempre aquecendo o ego dos que se vestem de azul mendocino. Na mesa, sempre o jogador dito com o peito cheio: Maradona. Parece-me sempre o mesmo, o mesmo, o mesmo nome. Dizem que esse jogador tem um talento incrível. Pena que não entrou para a seleção nacional de voleibol. Talvez tivesse sido difícil passar despercebido entre tantos que rareiam a rede das quadras. A Skol colore aqueles que não têm dedos para contar os orgulhos amarelos e verdes. E mesmo nesse lugar, em cada esquina que se para a fim de perguntar as ruas, não se esquecem de dizer sobre o "mejor jugador del mundo, de la actualidad". Como em um relance, ouço gritos roucos de quedar plantado em frente ao gol e subitamente me vem a artilharia de quando era o pior goleiro do campeonato de salão de 1985. E no drible direto na canela, vejo em que lugar me meti. Subi o morro porteño em pleno deserto de águas trazidas de mão em mão. Aqui, dessa posição, entre o zagueiro e o gol, chuto a bola encravada nos pés descalços e me esqueço de recolher o pedaço de unha preso na grama de concreto da praça San Martin. Disso tiro aquilo que a Rita já disse: "Nem toda brasileira é bunda", e acrescento que nem todo brasileiro é Ronaldinho, mas todos os Ronaldinhos são brasileiros.

DÉCIMO TERCEIRO DIA: LAS ORELLAS DE LA RUTA

Ruta 7. Deixar Mendoza pela mesma que chegar, só que pelo outro lado. E muda. Muito muda. Saber de lugares, pue-blos, histórias. Pensar em como tudo foi feito debaixo de suor e poeira. Um grande terremoto no século XIX: pó sobre pó sobre pó faz a mudança por sobre as cabeças. Em todos os lugares pode-se perceber que a cor preferida dessas pessoas é o cinza misturado com azul, e de todas as coisas mais interessantes que isso traz, fico com puxar o ar para saber qual a cor que vai sair dos pulmões. Quando fui à Cordilheira para descer o rio, deixei cabelos secos de prenda, e trouxe, grudadas na pele, as rochas do Aconcágua, uma sobre a outra. E disso só me dei conta quando vejo, de relance, que um tom acinzentado escorre de meu corpo no banho, cambaleando dos poros até rodopiar ao redor do ralo. Fica apenas a tatuagem na memória: o quarto mendocino se fecha para os ácaros. Só não posso me esquecer de contratar alguém para limpá-lo de vez em vez em vez.

A ruta se abre. Ou devo dizer que alguém a força para fora, tanto que chega a sangrar pelo acostamento? É certo que ao lado, duas pessoas a seguram fixamente com muita força. Nas redondezas são extraídos novos caminhos, elevados em diversas alturas: formam as costas ininterruptas de um grande jacaré quase sem cor. O céu dá a sua contribuição colorida, pintando a tela com o azul habitual por essas plagas: que em nada lembra uma Curitiba. Tenho a impressão de que essa imagem só existiu em minhas retinas quando ganhei de minha tia um certo quebra-cabeça de 5000 peças. Mas não tenho certeza, porque logo depois da curva vi um outro desenho que também podia ser desse mesmo presente de infância. Só sei que não posso perder a oportunidade de desmanchá-lo para construir muitos outros. A cada quilômetro próximo à fronteira, escuto o cheiro do Chile

se achegando. Pela fresta da janela, ainda viajo o rio Mendoza, agora criança, segurando com força a mão do frio e descendo, descendo, descendo.

Passos à frente. Traços indígenas atravessam a ruta. Caminham em direção ao hotel de 1917. Antes de acabar, esse lugar abraçava hóspedes que não pensavam em despesas, mas agora, ao léu, dando sopa ao vento, é deferido com uma sensação de liberdade para todos que tropeçam em suas rochas. O que mais se vê pelas paredes molhadas, é a desenvoltura com que o ar caminha nessas habitações. Uma banheira sobrevivente, com águas termais que vêm da montanha branca, exala enxofre. Salgada. Anos de gelo. E tudo se levantou, brotou do chão espalhando minas e mais minas. Escorre o líquido pelos buracos e despenca do teto, formando esculturas paralisadas com o tempo. A família tira a roupa, coloca-a no canto da última esquina e mergulha o direito de usufruir daquilo que já foi seu antes das paredes. Para chegar lá, tiveram que passar por uma ponte que liga a terra ao pé da Cordilheira. Essa ponte é feita de barro com uma coloração andina. O vento formou os passos calçados pelo frio e ninguém moveu um músculo dos dedos para que isso acontecesse: o pueblo apenas a transformou em vida, mas os espanhóis se esqueceram de que ela foi dada de presente para os Incas.

Do carro, uma unha: gelada, forte, branca entre os montes elevados. Vi um pequeno cheiro de charme assim que chegou a próxima curva. A placa dava a indicação para aqueles que ainda não haviam percebido: cerro. A mistura, perfeitamente devida, entre Sol y nieve. Uma luva no meio do chão azul do céu da Cordilheira. Pela manhã, o ponto mais alto de uma América Latina: ele ocupa 6936 metros de altura. Pelo corpo, os pelos saltam ao ouvir o vento frio que desce do quase topo do mundo. Na trilha, uma grande Suécia arrumando as botas e mochilas para mais uma reverência ao grande senhor vestido de branco. Respeito. No dorso da altura, cruzeiros: Japão, América, Chile, Brasil: pessoas que, de tanto gosto ao escalar, se deram de presente ao Aconcágua.

Ao lado da ruta se lê: Cementerio del Andinistas.

Guardo o Aconcágua em meus olhos e continuo adelante. Do ponto mais alto, só se pode descer, descer, descer. Pelo retrovisor, passam inúmeros caminhões que, de tão grandes, parecem estar abrindo novos vales ao dobrarem as curvas. Ainda que tivesse o receio, vejo através desses carros um desenho entontecendo qualquer aceitação de estrada. Formam um desenho absolutamente inebriante e antológico: diante dessa pequena Curitiba que parece estar a cada minuto se escondendo, percebo que estamos descendo um longo animal dito asqueroso: caracoles. Mas esses são servidos com camarão, asfalto, terra e o mais belo dos Chiles.

Passo horas seguindo um caminhão de embrulho brasileiro. Consigo saber do rio congelado e do Sol, sempre certo, entrando pela fresta do vidro entreaberto. Queima o vermelho que já é do rosto. O pouco de ar que entra pela janela traz uma empanada chilena: carne moída, ovo e cebola. A estrada me fez sentir essa comida como um arroz e feijão. Uma Curitiba inteira em meu estômago. Sentamos juntos a alguns gatos espalhados pelo chão. Migalhas do lanche anterior atrapalham a cadeira e o pote de molho. A primeira refeição chilena depois do pó andino. A única?

DÉCIMO QUARTO DIA: POR LA RAZON O POR LA FUERZA EU HEI DE RESPIRAR ENTRE AS MONTANHAS

Santiago. Uma única rua nos deixou na porta do hotel. Nada que me parece diferente a qualquer jogo de concreto. Há uma semelhança diferente em cada esquina. Prédios altos ficaram em Buenos Aires e Montevideú. Papéis no chão trazem resquícios de uma certa Curitiba que se faz de limpa. Livros guardados: assim como no Brasil, se esqueceram de olhar os portenhos segurando seus textos em cada esquina. Dentro do redor de montanhas o ar é mudo. Sem nenhum som que nos possa indicar movimento. Preso sem nenhum colorido. Céu apenas azul pálido com o Sol, Sol, Sol. Mais adiante, o olhar tropeça na poeira. Abafo a respiração e lavo o rosto com a água gelada do rio de degelo que ainda teima em estar presente.

Esta cidade coube em um teleférico: Cerro San Cristóban. Do cume dá para ouvir o grito em silêncio de Santiago vestida de branco, esticando as mãos para se segurar na Cordilheira. Esse chamado, disseram-me, já é de tempos. Mas quem o ouve além do Aconcágua?

Plaza da Constitución. Parado ao lado do exército e dos vira-latas, o povo com faixas, gritos e o Chile emputecido: latino-americanos: por la razón o por la fuerza!

Chego absolutamente fatigado. Tiro o chapéu e o coloco por sobre a mesa mais próxima. Deito a cabeça para trás, como se fosse tomar impulso a fim de sair correndo deste lugar. Mas fico. Sento-me no mesmo lugar. Enxugo a testa cansada de suor e olho para os lados: vejo o cheiro de peixe. Água contada de frutos do mar e enrugada de olhares de certa Curitiba. Com a testa fresada, encurto meu pescoço em direção ao cheiro e

recolho a imediata ânsia de vômito que me sobe, sobe, sobe. Me vejo rodeado por uns cinco mozos carregando, em suas bandejas, cordas para me empurrar até seus restaurantes. Agora sim me lembro exatamente de onde estou: sou um turista.

Olho a cidade toda dentro de um supermercado.

Na mesma montanha dos Incas, uma puta debruçada sobre o guarda. Ao menos quando me olhou, sorriu com o banguela: esse guarda Bukowski sabe das coisas.



DÉCIMO QUINTO DIA: O DIA EM QUE BELCHIOR SE ENCONTRA COM NERUDA NAS VINHAS PACÍFICAS

Por todos os buracos, homens em construção. A cidade inteira sendo feita. Percebe-se que o que não falta é a tentativa de se chegar a outro lugar. Essa imagem formada pela janela do carro. Lenine dá o tom de uma Curitiba perdida na rua XV, mas ainda em Santiago. Do alto desses quase 40 graus, me vejo recolhendo a barra da calça ao passar pelo chafariz da praça Osório sendo refeito de cimento, novos paralelepípedos ampliando a busca por ser capital disso e daquilo e, na TV, propagandas dando o tom da melhor cidade. Melhor cidade? Não evito a gargalhada, que é acolhida com uma parceria pelos outros três. Pó com sol, placas desajustadas que nos levaram a três entradas diferentes. De dentro, em português, me canso de rodar por tantos peajes chilenos e rutas cheirando a cimento estragado. Ao menos, pareço estar em casa.

Ainda com Lenine, ouço a cor da reta que passa por dentro da montanha. Saindo de Santiago, tenho a sensação de lugar não-comum. Os carros pela direita, meia-luz acesa e o vento pulsando frio. Do outro lado, o pacífico. O cheiro vai ficando peixe, mariscos. Ao lado, o motivo: puerto. Caminhões, navios, putas. Sujo as ruas com o papel de bala e o último toco de cigarro. Santos, Paranaguá, uma Curitiba: cemitério de elefantes: Valparaíso. O último olho tem a cor das casas por sobre o morro: cartão-postal. Por cima, mais um vento. Houvesse chuva, diria que estava chegando em mais uma bela favela do Rio de Janeiro, escorregando com árvores, balançando no quase. Mas aqui escreveu Neruda.

Estar nas vinhas do mar. Embriagar-se ouvindo o frio em pleno verão praiano. Chão barroco: a força do sol com o arrepio dos pelos dos braços levantados nas sombras. Do outro lado, passamos por toda reta Argentina. E o filete horizontal do Chile

está sendo alongado. Encostar a mão nesse vento. Deixar a areia escorrer pelos dedos e beber a água do Pacífico.

Nenhuma das Curitiba sabe a dor dos Mapuches. Piso no mesmo chão que os donos da terra. Procuo andar detalhado, suando entre as imagens nas retinas gigantes e cansadas de tato. A Polinésia havia se encontrado com a Cordilheira dos Andes. E logo me dou conta que de minha cidade não conheço museus, mas os da América. Afinal de contas, quem os conhece? Quem se lembra de olhar para as ruas? Esse lugar em Viña Del Mar me trouxe o fim. Espanha centrada, Portugal cego. Século XVI encravado nos indígenas que dizem “amém, graças a Deus”. Respeito? Como entrar em uma parte do controle sem sair ferido? Olhando para as vestes da Patagônia, sinto náuseas em espanhol. O velho continente me salga a pele e tenho vontades: mas somente as de um rapaz latino-americano sem dinheiro no bolso.

Agora resolvi apenas perguntar: quantas vezes vontade de um outro lugar? O que adianta cheirar sua terra se não estão em mim? Respiro Curitiba no Chile, pelos poros e cabelos: como, então, abrir a janela em pleno voo? Em um dia rir com o que abraça, beija, e noutro o desejo de Freud? Não entende que é falso? Não vê que as pessoas estavam certas? Pena que sempre é o mesmo? Não somos como seres humanos? Você não sabe que derrete como tantos outros? Não, hein?

A resposta: sei que está no silêncio.

Estar em Viña Del Mar nos dá a obrigação do próprio mar. Em Reñaca encontrar-se com os frutos do mar: mariscada no desayuno, almoço ao escurecer. Encontramos, beirando a estrada, o pôr do sol no Pacífico: vento patagônico com o sol do deserto. Cheiro de água e sal: ao lado do som das rocas pontiagudas dessa baía. Quando noite, voltamos pelo mesmo lugar, mas dessa vez tropeçamos, de total surpresa, em um enorme crocodilo: luzes, luzes, luzes na pele do morro: criação do homem escorrida no que já havia por aqui: rótula crescente.

DÉCIMO SEXTO DIA: VALOR DO PEDÁGIO: CEM SONETOS DE AMOR

Mal-estar entre as pessoas. Do quarto à cozinha me custa uma vida. Sinto a tontura do vinho chileno se apoiando em minhas costas e deslizando pelos cabelos. Não há conversa. Olho apenas de soslaio aos amigos de viagem e surge um peso pelo corredor. Sentados à mesma mesa, os quatro em silêncio pesado. Passeio a mão pela toalha e penso em dizer nada: poder ir para qualquer lugar sem se importar em ouvir o despertador pela manhã, sem saber de falar alto desde as 7 e 10 da manhã e nem precisar usar o elevador sendo gentil com todos, já me bastava para estar naquela cozinha, mesmo sendo com peso. Queria, por dentro, soltar a tremenda gargalhada de quando me lembro de Curitiba, mas os rostos, ao redor, não pareciam querer ouvi-la. Puxo para mais perto toda a garrafa de Los Haroldos três estrelas e ficamos em uma conversa particular: em cima do muro para não correr o risco da queda. Não é assim que pensam os equilibristas de arames farpados? Sei que a indecisão de ficar em Viña ou ganhar Maitencillo agravou-se com o não-sorriso entre nós: cansaço de Santiago, Buenos Aires e Montevideú? A noite foi decidida pelo descanso em mais um dia jogado pela janela, mas logo pelo museu, nos levaram a querer a Isla Negra. Sim, a brancura desse lugar que nos esquecemos de colocar em pauta, lembrada apenas na manhã seguinte por um amigo chileno. "Mas tem que se preparar: serão pedidos, como peaje, cem sonetos de amor para se quedar".

Como assim? Entrar na casa e não guardar, por dentro das retinas e pele, seu canto em fotografia? Desespero. Um pueblo na beira da estrada com placas indicando o soneto. (Por ruas que só passos). Escorregamos pela ruela de areia que, atrás das árvores, por sobre o morro, abre-se em Pacífico. Olhando para o

chão, começo a contar quantos grãos supostamente foram tirados desse lugar, quantas lágrimas não foram derramadas e enxugadas por esse mesmo sol. Nada me parecia como ontem, apenas esse momento de espera e ansiedade ao pensar que essas mesmas árvores o acolheram com sombras e descanso. Descemos, os quatro, juntos em silêncios separados. No cruzamento sereno, o barulho da pena passeando pelo papel. E da esquina, a placa se exhibe: rua Pablo Neruda. As já crescidas e famosas butterflies no estômago se manifestam cada vez mais velozes. Um museu guarda souvenir e o bilhete da entrada ao lar doce lar do poeta. Uma pequena burocracia que se desfaz por completo logo após os quinze minutos de espera pelo guia. Quando comecei a segui-la, só o que queria eram rimas e o mar. E encontrei muito mais do que isso: pela sala, lá estava ele: calmo, com seu cigarro no canto da boca, apoiando a boina com as mãos e nos chamando para entrar. Vi-o apontando para imagens e esculturas de tempos ingleses, franceses e chilenos. Ao lado da mesa para o vinho, taças coloridas – “assim, o gosto da uva torna-se também em cores” – e o lugar de capitão. Sempre com o corpo começando para o cheiro de sal. No próximo passo pela casa, o estado certo de literatura: uma pequena mesa de vidro e madeira com a janela convidando o mar a entrar, entrar, entrar. Sobre ela, Baudelaire mostrando as palavras ao poeta, e sua cor verde para as palavras. Pelos cômodos, esparramam-se coleções, estéticas, momentos. Ao sair da ribalta e me encontrar, frente a frente, com o mar, desço os olhos para os lados e me despeço de Neruda (ao lado de Matilde), que fica pela isla e sempre muy cercano de nosotros.

DÉCIMO SÉTIMO DIA: O INTERIOR SE VESTE DE MAR E CASACO CHILENO

O que dizem da simplicidade? Estamos no litoral chileno simples. El Quisco: campo. Interior sem cavalos e sem llamas. Ando por essas ruas encontrando nos rostos traços comuns a qualquer Curitiba, e me perco apenas quando abrem a boca ou tentam aumentar o valor da conta. Em qualquer lugar? Ao caminhar por esses seios sujos de todas as esquinas, encontrei-me com o já visto: casais de namorados comendo maçã do amor em frente a um circo falido, Fuscas com motor de Passat e galinhas trançando o caminho. Parecia estar passeando por Cornélio Procópio quando tinha meus 12 anos de idade. Até o cheiro da fritura do bar de minha tia era o mesmo. Não fosse a pele marcada pela água do mar, juraria de pés juntos que no próximo quarteirão encontraria meu pai bebendo com os amigos. Com os dedos nos olhos, esqueço. Hotel. Ao acordar, bastou abrir a janela para deixar entrar o cheiro de todo o Pacífico para dentro do quarto. Ele deitou-se ao meu lado e logo já estávamos tomando o desayuno. A estrada já nos chamava, ansiosa também por uma media luna.

Dar valor ao conhecido? Quando sabe que não se tem. Pode ser a melhor das histórias, mas é amigo. Será o Chile – ou a Argentina – estranho ao outro?

Hoje me dei conta de que saímos do nono hotel desde o início. Sei que foram muitos, mas me parece apenas o segundo. Dormir cada dia em uma cama diferente. Misturar o suor da tarde com o outro (sem ter o cheiro da pele). Os cabelos guardam fios que não são meus. No banho nu, sozinho com todos os outros que ficaram por ali, sinto a desarrumação em que me encontro. A toalha na janela do Pacífico vem fria para o corpo quente e nisso

vejo a mala desfeita. Fecho os olhos nessa manhã de meio-dia resfriada. A estrada empurra o carro entretido com Portishead.

Próxima parada: Maitencillo. Toda rotina se perde em volta na busca por um bom descanso. Dessa vez nada de hotéis, com toalhas usadas e fios de cabelo perdidos. Por aqui, as famílias se esquecem em cabañas alugadas, como em qualquer Guaratuba, por quinze dias. De frente para o Pacífico, paga-se mais pesos. Todas as palhas do celeiro queimadas, e a última cartada por um bom lugar foi a primeira hipótese: um amigo de Mendoza. Na volta, vimos o quanto vale uma boa amizade encharcada de todo o clichê possível: dois segundos, um telefonema, menos que uma tragada no cigarro e já estávamos no que chamaria de calmidade chilena: uma casa ao lado do sal, embaixo da maior constelação que se prendeu a essas retinas, entre árvores crescidas com água das poucas chuvas. Por poucos chilenos, na verdade por quase uma amizade, nos quedamos em uma varanda de madeira, com mesas, cadeiras longas, uma sala de coleção rústica, uma lareira século XIX, quartos com banhos privados e uma churrasqueira charmosa que nos acolheu serenamente. Minha euforia se encolhe, com lentidão, a uma serenidade pulsante, vibrante, constante.

Com todas as estrelas do nosso lado, quase as sentindo nos tocar, trouxemos uma das melhores Curitiba para o Chile. Caminhando por duas ruas de areia, escolhemos o lugar e compramos as carnes: os cortes ricamente chilenos, de nada nos fazem lembrar um Dom Gabriel. Sal grosso, carvão e a lingüicinha de sempre (mesmo sendo a de nunca). Acender a churrasqueira sem álcool, apenas o jornal de 2001 e uma revista da estante. As folhas de eucalipto, ao menos, indicavam um outro caminho para a fumaça que saía, saía, saía. O primeiro pedaço já me levou a uma vontade de criar um Chile vestido de saudades.

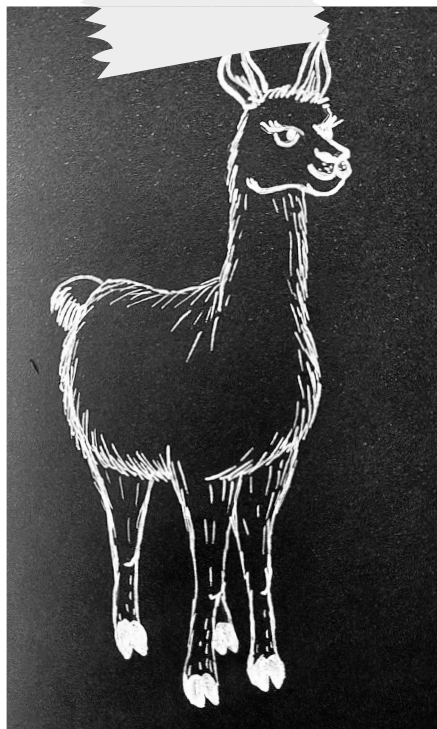
DÉCIMO OITAVO DIA: VOLTEI ÀS ORIGENS NUM LOMBO DE LLAMA

Nessa manhã Maitencillo, vieram todas as Curitibas. Parecia ver minha avó cozinhando, ao lado do jardim de café-da-manhã, com seu jeito italiano de cantar músicas antigas, gestos largos de falar com as mãos e sempre um sol riso no rosto como se nada a tivesse feito chorar, nunca. Como são as famílias? Se aquela que ficou por um caminhão ainda estivesse por aqui? Hoje foi o dia para recordar da maneira mais comum que todas as pessoas fazem de igual para igual, sem sentido de grandeza ou inferioridade: sentamos para falar de onde viemos. Como foram os anos. Um cigarro com suco de laranja, sol com blusa de lã, os cabelos embaixo da toca peruana e muitas palavras jogadas próximo ao mar, beirando o sal. Lembrar e viver, nem que por um só momento, de como é estar apoiado em minhas imagens, me faz doer a falta que me trazem: clichês coloridos de branco e preto, mas que me dizem com clareza. Não pensava na vida do depois, quando ainda a tinha por perto. Sabia que tudo poderia ser como sempre foi. Mas caí do cavalo. Ou devo dizer nessas circunstâncias que havia caído da llama? Chegar ao Chile demorou quinze anos de estrada contínua, todos os dias. Só não quero perenar por aqui tendo que levar Curitiba nas costas a todo o momento. Seria justo?

Isso me faz querer mais uma tarde só de perguntas: Por que fazem tanta falta esses últimos cinco anos? Como chegar ao lado à sua maneira? Enquanto havia manhã tarde noite, eu usava meus óculos: como fui deixar que se sentassem em cima deles? Sentir-se embriagado sem ao menos uma gota de álcool? Esquecer-se dos sentidos, beijos, peles e cheiros de meu corpo? Estar no Chile com Curitiba nas costas? Quantas vezes vontade de outro lugar? Respeitar as diferenças e ao mesmo tempo dormir na mesma cama? O passado me traz ciúmes...(?).

A resposta: sei que está no silêncio.

Um dia, um lugar que fica parado só para caminhar. Nessa noite inteira, seu passado me acordou com ciúmes. Vejo os cabelos escuros. Manaus embaraçada com pessoas não vistas, coloridas. Uma estátua de gelo em frente ao Pacífico.



DÉCIMO NONO DIA: DRUMMOND VESTIDO DE CARABINERO DE CHILE

Chegamos ao lugar em que gostaríamos de estar sem ter viajado o necessário. Eram 700 km. Acordar sem devolver as palavras da manhã. Tomar apenas um jugo de laranja e abrir a janela do carro. Mais uma vez o Recife de Lenine acelera as imagens que passam o mato e o mar. Escutar Marcos Suzano brincando com o pandeiro me faz lembrar de toda a minha única vontade. Crer que estou ficando para trás, sempre, cada dia que passa. 28 anos de desterro e tentativas e não ver uma singular luz? Nem que seja de um fraco tom azulado. Nenhuma Curitiba me escapa de repetir todas as mesmas palavras por um bocado de tempo, até não ter mais movimentos circulares no chão. Estar no interior do Chile e ainda respirar, cada dia mais, o mesmo úmido. Um filete preenchido por montanhas, gelo e água. Achei que ainda estava com pressa, mas fui logo lembrado: os carabineros encolhidos atrás de uma curva não vista crescem imediatamente à minha frente. Na reta 160 de uma possibilidade menor. Quando vi um braço verde acenando para o acostamento, uma espinha estalou alto em meus ouvidos e as butterflies no estômago – dessa vez famigeradas – fizeram-se presentes. Acontecer com qualquer um de nós? Depois de encurtar a vida de um pato, aumento o número de cidades visitadas. Chegar a Los Vilos pela porta dos fundos, sem ter ao menos ouvido falar de sua existência, é como estar caminhando e tropeçar em uma pedra de Drummond, colocada por uma mão andina. O policial só queria a minha carteira de motorista, mas quando viu que era brasileiro: e as mulheres? De frente para o vento, encostamos o corpo no hotel amarelo de colcha vermelha. Os quatro no lugar de um. Uma noite passada em branco, sem ter existido. Pela manhã deixar mais alguns pesos no Chile – sempre cercado pelas morenas – vestir o casaco e dar as mãos para a Cordilheira.

No mesmo dia, os olhos de um gato cercaram o medo, medo, medo. Olhos nos olhos diferentes, soberbos e intimidadores. Respirar desviando dos pelos torna-se cansativo. Um esforço que dói. Chora. Saber que está na mesma sala felina deixa passos pesados, vagarosos para trás. Prefere sentar-se à cama do próximo hotel e ler um maldito Baudelaire querido.

Acabar um dia perdido ganhando o mar, o sal, o Pacífico. Segurar o vento no casaco de verão e correr mariscos chilenos suavizados com Cabernet Sauvignon.

VIGÉSIMO DIA: O PONTO EM QUE O DESERTO ENCOSTA O PACÍFICO NA PAREDE E O DEIXA TRANSTORNADO

Acordamos no interior, ao lado de um pequeno porto de pescadores. A caleta guarda os pelicanos que suam sobre as pedras feitas pelas mãos de nativos. Chega a ser engraçada a forma com que a água bate, violentamente, sobre essas esculturas que não se importam em fazer parte do cenário. Os pássaros sentiriam muita falta se não tivessem por onde serem observados pelos turistas. Creio que essa é a verdade das pessoas também: observar e ser observado. Só assim se é alguém em um lugar com tantas vontades e pouco fazer. No café da manhã continental, de poucas frutas, sinto ainda mais a falta de estar em um país tropical. Um país pode ser medido pela quantidade de frutas no café da manhã? Esse estreito não se importa nem um pouco com a falta de opções: erguem os braços, com o peito estufado, e oferecem suas uvas para todos os cantos do mundo. Servem os marinheiros com seus peixes salgados e mantêm todo o filete em constante transformação. Quem se importa com a falta? Chegar à Baía Inglesa – até agora vista em postais e à frente do espelho do carro – tornou-se aquele desafio resolvido no limite pedido pelos Carabineros de Chile. Logo após o Nescafé eterno de todos os lugares, a Municipalidad de Los Vilos: 37 mil pesos dados de mãos beijadas, conversando sobre futebol e brasileiras. Mais Curitiba carregadas no nome de minha terra. Depois de chegar ao km 250 a fim de agarrar a habilitación, passo a ser como todos os motoristas chilenos: ao sinal de pare, por que continuar? Com a tatuagem da multa feita em meu braço esquerdo, coloco o papel de quitação em meu bolso esquerdo: serve também como um souvenir andino.

Seguimos em direção ao norte: há de se ressaltar que é a mesma avenida que nos tirou de Santiago e que pode nos levar ao gelo do sul. Dessa forma, controlar os cuidados das estradas acaba sendo praticamente como urbanizar a cidade. E para se exhibir ainda mais, essa longa ruta começa a mostrar, pelo lado esquerdo, um oceano Pacífico de que não se vê fim. Imenso. No canto do olho direito começam surgir cactos. O calor de um abraço salino e o vento da aridez deixa o ar ameno. Leve. Por uma das montanhas da Cordilheira de Doña Ana o carro fica, a cada litro de gasolina, mais alto. Lá de cima não há melhor vista: esse é o Chile que eu busco.

Um pequeno empurrão da estrada, entre o sobe e desce das montanhas, e a primeira placa na Panamericana grita pela janela do carro que chegamos à Región de Atacama. Agora sim: cactos, cactos, pedras, pequenos verdes apagados. Nada mais além dos poucos que respiram em pueblos com 260 habitantes e seus animais. Sentado ao lado de quem leva o carro, percebo muitas cruzeiras paradas no acostamento carregando pequenas bandeiras do Chile. Pulsa, do centro ao norte, um corpo árido, vivo, gritando para ser ouvido.

VIGÉSIMO PRIMEIRO DIA: BAÍA DE TODAS AS CAMIONETES COM CÂMBIO HIDRAMÁTICO

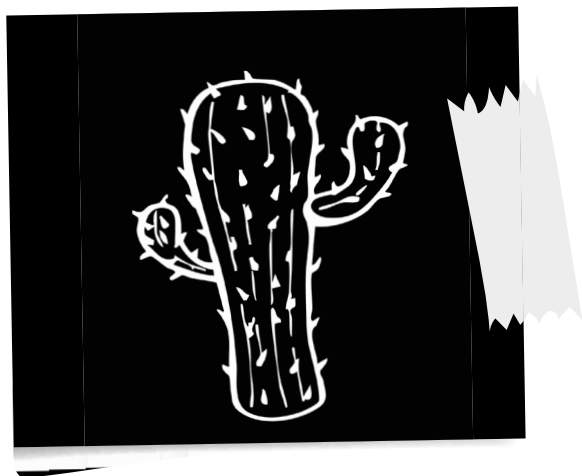
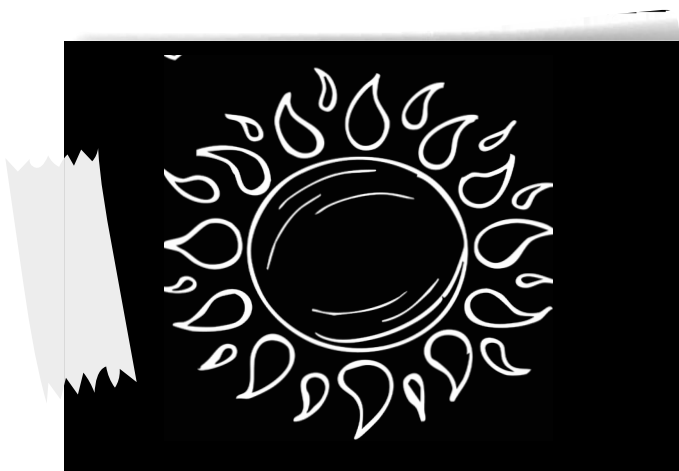
Depois de nos entretermos na cidade mais feia desse filete, deixamos, de vez, Los Vilos para os cachorros. E salve a Baía Inglesa de nem um dos santos. Uma baía que em nada se parece com a nossa, mas que se orgulha de ser a mais bonita desse litoral de verão gelado. Caminhar pelo incerto, no meio do deserto que se forma e não se vê nada. Imagine você: estamos no carro, andando há 7 horas quase sem parar, vendo apenas cinza e marrom. Não existe o menor sinal de que estamos na direção praieira. Nem um automóvel carregando pranchas ou empurrado um jet-ski. De repente, não mais que um poema de Vinícius, uma placa se diz indicando o balneário a 1 km e da janela do carro apenas areia e pedra, areia e pedra, areia e pedra! Mas eis que, logo ao passar um pequeno morro, abre-se o azul – embora não com a mesma intensidade do céu – e uma baía se vê à frente do Pacífico e ao lado do branco da areia – ainda contornando rocas e mais rocas, naturalmente. Dentro desse balneário, prédios feitos pelos contemporâneos que nem uma Curitiba qualquer tenha, alguma vez na vida, visto. Um iglu comedor para descansar e passar a noite, um hotel cinco estrelas com um pequeno jardim artificial em cada andar e o maior prédio desde que saímos de Santiago. Um grande lugar, muito embora ficasse a cinco passos pela calçada. Porque depois disso nada mais se vê desse povoado com mais de tantas camionetes com câmbio hidramático. Os rostos são mais firmes, o peso ainda mais precioso e por isso desesperamos de volta às cabanas. Busco me esquecer do que se vê e descanso ao som de Lenine e ao vento de um Viceroy perdido embaixo do banco do carro. Mas há de se ressaltar a importância que se torna essa piscina de onde escrevo este capítulo, claro.

VIGÉSIMO SEGUNDO DIA: UM URUBU POUSOU EM MINHA SORTE

Aproveitando essa água com cloro, vou inventar um dia: acordei muito cedo. O calor não arredou o pé nem de madrugada. O sol, mesmo indo embora, não fez mudar o tempo em nada. Nesse pequeno quarto com duas beliches, eu me contive em não deixar a torneira do banheiro aberta com a mangueira esguichando água, constantemente, em meu rosto. Só de mudar o lado do travesseiro já me encontrava às bicas de suor. Sem acordar ninguém, arrasto-me até a praia. Encontro alguns pescadores chegando da embarcação matinal para vender um pedaço do mar aos restaurantes. Poucas pessoas acompanham o amarrar de âncoras no cais. Paro ao lado de um albatroz comendo os restos de uma merluza e tomando sol estalado na areia. Logo chegam mais e mais pássaros, vindos da direção do deserto, para disputar o último pedaço desse peixe. Acompanho os olhos do maior pássaro do grupo e vejo que se aproxima de mim se esforçando para me carregar adiante pela areia. Corro, rapidamente, pela orla, tentando fugir, e vejo de relance que consegui me perder dele. Um pouco mais adiante, em um espaço isolado, vejo um ultraleve. Quando me cerco desse ponto, um homem surge por detrás das asas e me pergunta se quero experimentar: 10 mil pesos. Relutei por um tempo, já que o limite de gastos por dia era de 6 mil, mesmo assim resolvi arriscar. (Depois era só comer comida de supermercado por duas vezes que estaria dentro do orçamento novamente). O pouco vento que batia naquele momento o fez tremer ainda no chão, querendo, a todo custo, levantar-nos. Medo. Mas naquelas condições, já não tinha volta. A areia branca foi ficando cada vez menor e a Baía Inglesa se tornou um enorme banhado cercado pelo cheiro do deserto. E ainda calor. Quando já estava acostumado

com o manejo do ultraleve, vejo pousar ao meu lado, um enorme pássaro. Alguém gritou lá de baixo: ...

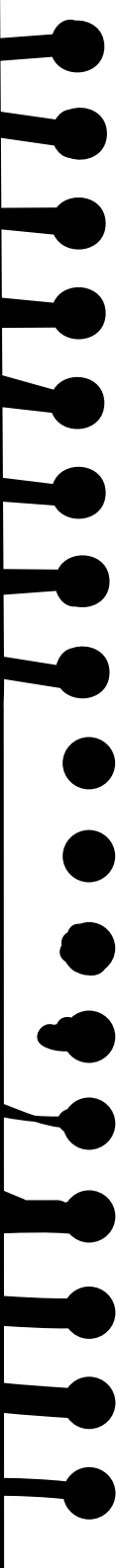
Meu primo se assustou com o grito e me sacudiu com força, deixando cair de minhas mãos o livro que lia embaixo do sol do Atacama.



VIGÉSIMO TERCEIRO DIA: EM UMA MESA DE BAR COM CHICO BUARQUE E JAIME TORRES

III Región: Atacama. A beleza é progressiva. Você já deve ter notado que muitos adjetivos entontecem este texto, certo? Sempre o céu é mais azul, a roca mais cinza, a areia mais branca... mas é que quanto mais ao norte desse filete, mais tenho que abrir espaço em minhas retinas para guardar essas cenas. Imagine só: o Pacífico lambe o deserto! São muitos quilômetros sem a possibilidade de pessoas, apenas a estrada que separa, leva e traz. No acostamento, nem vestígio de postos de gasolina ou lanchonetes. Vez ou outra vê-se um andariço perdido entre o seco e sua roupa rasgada. Rolam, a todo momento, pedras – que são sinais de que aqui é um espaço ainda em constante movimentação, apesar de querer parecer absolutamente estático. Nada no mesmo lugar, sempre e sempre em lugares diferentes. Antagônico. A cada sopro, uma nova vida árida. Muitas cruzeiras guardam esse lugar junto a algumas bandeiras vermelhas, azuis e brancas – e isso não é de hoje. Quando se olha para cima, nota-se o céu tentando alcançar as montanhas ao redor do carro. Uma pequena batalha de gigantes pela continuação do inóspito. E por aqui todos ouvem Jaime Torres e o Chile.

Tão logo passamos por algumas montanhas cinzas, pela janela do carro, o deserto se afasta, ponto a ponto, do pacífico. Fica areia terra. A ruta 5, nesse ponto, carrega apenas um desses elementos. Pássaros e muitas vidas não vistas nos acompanham quase que tete-à-tete. Ao lado, passos, passos, passos de Incas caminhando na direção oposta, até Mendoza, desviando dos muitos que viviam. Sinto vontade de abrir os braços com açúcar e com afeto e cantar junto ao Chico.



Só de ouvir o nome da cidade já sinto calor. Vejo o deserto abrindo a palma das mãos juntando um punhado de areia das montanhas e jogando-a em meu rosto. Depois de algumas horas passando pelo meio do nada vezes nada, buscando, ao menos, uma placa indicando a quilometragem, surge o escondido: Antofagasta. Já no início, árvores com mãos humanas: o verde faz-me falta aos olhos. Avisto pela última vez nessa viagem o Pacífico em frente ao vento patagônico que se confunde com o quente do Atacama. No quarto de hotel, a noite no ponto mais longe de casa. Afogo-me no abafado das cobertas.

VIGÉSIMO QUARTO DIA: PEGARAM UM PUNHADO DE AREIA E ASSOPRARAM EM MEUS OLHOS

O nome que dou a essa noite é Antofagasta. A pior de todas até aqui. Já não bastava a feiura desse lugar, com seu comércio aberto aos peatones em ruas sujas de óleo vindo dos navios, homens suados pelo calor ensurdecador e putas desdentadas que estão em todos os bares Gato Preto; o hotel ainda tinha cheiro de mijo de cachorro sarnento encostado nas paredes de uma igreja do reino de Deus. Quando coloquei a cabeça no travesseiro, tive que conter a vontade do vômito para que não ficasse ainda pior repousar naquele quarto. Ao menos tinha uma TV 14 polegadas que pegava um único canal de novelas chilenas. Pela manhã, a vontade era sair desse porto antes mesmo do café. Mas como resistir a um pão seco com jamón o queso do dia anterior junto aos marinheiros e caminhoneiros de toda a América? Isso é o que eu chamo de encontrar mais um deserto à maneira Charlie Brown. Mas, enfim, tive que sair desse oásis em meio à falta de vontade e encontrei dessa vez, uma estrada com poucas montanhas, mas longas bancadas de areia. Ao lado, o sol que vem nos acompanhando de Santiago parece querer ficar cada vez mais próximo. Ele quer entrar no carro e sentar-se ao meu lado. Não dando muita trela ao amigo, passamos por um Copec para abastecer e já nos enchemos de vontade de San Pedro, acalmando os ânimos Antofaguenses. Distanciava-me do porto com um mapa do Chile de imagens e informações sobre o Atacama. Continuo a seguir, com os olhos, as marcas dos pés Incas pela janela. A fotografia de uma múmia atacameña, ao som de Carcass, carrega-nos ouvindo o peso de já estarmos a 2500 m de altitude.

Momento ânsia de vômito do deserto. As curvas? O calor? Que nada: ouvir a voz embaraçada – em tom chileno – de dor de barriga da Björk. Que lixo!

Há quinze anos: sentado na carteira da escola. Aquilo me impressionou tanto, que ainda escuto as mesmas palavras e vejo seus dedos passando pelo mapa da América do Sul: “essa é a região mais árida do mundo. Nesse trecho nunca choveu”. Essa imagem realmente está muito nítida em minha memória. Só não me lembro do nome da professora, mas eu, sentado no fundão, tentando entender como essa ponta de terra nunca havia visto uma gota sequer de água, prestava toda a atenção aos movimentos de suas palavras! Via-me correndo por essa areia, evitando colocar os dois pés ao mesmo tempo no quente, com a boca seca e os lábios muito rachados, sangrando. Como as pessoas tomavam banho? Lembro-me também de que quando cheguei ao pensionato de minha avó para almoçar, não consegui fazer outra coisa a não ser beber água, muita água. Acho que é por isso que até hoje escovo os dentes com a torneira fechada. A sensação que tenho, de dentro do carro, é que o deserto queima seu calor de meio-dia em minha pele e me empurra cobertores de vincuña à noite. Estou no coração do Atacama acompanhado de meus amigos de viagem, minha professora e, agora, por Luiz Gonzaga.

Cuna de la cultura atacameña. Depois de horas áridas cinzas, somos parados por um ramo verde. Do alto de um vale, ouve-se a volta de um grito que vem salgado. A beleza progressiva, rumo ao norte chileno, não mente a cada esquina. É só desviar os olhos para os lados e cegar-se com o cume de gelo estático de um vulcão. A ponta da retina quer tocar a última roca dessa montanha que parece cuidar do pueblo de San Pedro que está logo abaixo.

San Pedro de Atacama deve sua existência para as mãos dos indígenas e Incas. Encontrar ruínas, casebres e ruas de barro que não pedem licença e ficam pela pele. Respiro a poeira do século XV ao lado de Land Rovers e máquinas digitais: no deserto também se toma Coca-Cola e não falta o velho Viceroy. Paramos o carro na calle Caracoles: peatones e bicicletas pintam o quadro. Sente-se o sol a pino queimar a cabeça, e, no momento seguinte, goteja a chuva que nunca vem: nas ruas, moradores molham-se sorrindo, erguendo os braços ao lado de turistas correndo para debaixo das marquises. Chuva no Atacama?

VIGÉSIMO QUINTO DIA: AS LLAMAS ALTIPLANAS USAM CARTEIRAS DE DINHEIRO, NADAM EM LAGOAS GELADAS E CAMINHAM DE MÃOS DADAS COM OS FLAMENCOS DE BUNDA VERMELHA

Ouve-se pela fresta da porta, o maior escuro que minhas retinas já viram. Nada vezes nada. Tateio a parede da frente, encurtando meus passos para não encontrar a cama na busca pelo interruptor do banheiro. Quando o alcanço, o mesmo nada de há pouco se estende à patente, e o jeito é urinar sentado, a fim de não sujar o chão que só vejo por estar sentindo com os pés. Como adivinhar por onde ando, se a cada dia estou em um lugar diferente? Dormir sem levantar os braços com um segundo travesseiro que não existe. Eu não devo ter comentado nada a respeito desse segundo travesseiro em minha vida, certo? Mas a verdade é que não consigo ter uma boa noite de sono com apenas um. Faz-se necessário que eu tenha um apoio no braço, que fica próximo à cabeça, para me sentir confortável e, assim, conseguir pegar no sono. Do contrário, parece que fico flutuando e forçando o pescoço de uma maneira errada, enquanto que o outro braço fica solto perto da perna. Enfim, estava eu apenas com um travesseiro, no meio do deserto, esforçando-me para descansar. Na quarta tentativa, escuto o despertador. Ah! Curitiba não me escapa nem em San Pedro. Logo fui me servir com o melhor desayuno do Chile. Esqueceram-se apenas do tempo. Na hora marcada, a Desert Adventure chega. Desconsiderar o pensamento chileno quando percebo a América Latina, escrita em inglês, chamando por nossos nomes. O pavão deserto deixa-se levar mais uma vez. E olha que agora não houve economia de plumas!

Alguns pingos de curvas em San Pedro e logo esbarro nas llamas. Do lado de pueblos, elas saúdam os carros pedindo licença ao atravessarem a ruta e vão direto para os braços dos atacameños que sentem muito frio quando as perdem pelas montanhas, e fome se não as encontram. A carne rugosa desse animal é apenas andina, porque, do outro lado, nos dão a vaca (menos para um indiano que nos acompanhava. Para ele foi servida apenas uma salada). Logo ao lado, vejo um desses animais parados ao lado de uma pequena montanha. Aproximo-me e, sem medo, encosto as mãos em suas lãs. E não é que, para minha surpresa, quando vejo seu rosto percebo um grande sorriso? Liguei a digital a fim de tirar a foto e só então leio a placa ao lado: fotos com llamas – 500 pesos. Um senhor veio a passos lentos, segurando um cachecol por fazer, recolher o dinheiro. Disso eu tiro que, por mais que se passem os anos, e que estejamos em lugares diferentes, a tradição é sempre mantida viva.

O furúnculo da terra. Cerro de neve eterna esticando seus dedos nas constelações, descansando com o sol. De dentro do carro, sinto um aperto nas retinas quando aparece Licancabur. Nos seus pés, atacameños dormem sem preocupação, criam seus alimentos e respiram no deserto. O vulcão do povo encostado na montanha do povo. De seu beijo, esfumaça uma névoa que se espalha pela Cordilheira e revela, apenas aos chilenos, os despojos que tiveram pernas escondidas no desafogo com a Bolívia. Traduzindo (porque nem sempre me faço claro, ainda mais debaixo desse sol): ainda existem minas, de tempos de guerra, escondidas nos pés do vulcão.

Do outro lado, indo pelo canto dos olhos, Lascar – um outro vulcão – mostra sua língua de fogo àqueles que, por distração ou esquecimento, lhe viram as costas.

Nesse momento do dia, não gostaria mais de pensar em beleza, de tanto que a vejo. Penso simplesmente na coisidade da coisa. Uma lata de lixo, longe das nuvens, tão desesperada quanto um vulcão gritando seus dedos de neve no céu? Não importa: me doem as retinas de beleza, sim! Isso me acontece mais uma vez, quando vejo a Laguna Miscanti sorrindo com os braços estendidos. Lembro-me de uma Curitiba fantasiada de azul, neve e montanhas.

Mas a minha é falsa. Por aqui, nadam os patos e o silêncio que ressoa na água fria e volta aos ouvidos. Nunca mais devolvo esse Chile altiplano. Aí já é covardia.

Uma coisa que chama a atenção chilena é a falta de sal nas comidas. Em todos os restaurantes a que temos ido até agora, sempre se faz necessário um pote extra de tempero. Quem foi criado com comida de pensionato, feita aos montes, sente muita falta a força que uma pitada de sal a mais faz. E de repente, não mais que um passeio pelo deserto, como que por encanto descobri onde estão escondidos todos os grãos desse eloquente condimento. Nunca pensei em deslizar sobre uma água salgada. Andar, andar, andar sobre mil metros de água, esbarrando nos flamencos de encontro ao voo. Ao lado, répteis disputando espaço com as pedras e o sol. Olhar para o chão atlântico sugado pelo tempo e encontrar rocas na língua. Tudo ficou muito claro para mim: os chilenos esqueceram o tempero de suas comidas no Salar de Atacama, embaixo dos 10 segundos de orgasmo parina.

Depois de um longo dia de deserto, deitado a cabeça no primeiro travesseiro, o braço no segundo – que peguei com o gerente do hostel – e durmo o entrelaço entre Toconao e San Pedro de Atacama: esse sol queima a pele de Curitiba.

VIGÉSIMO SEXTO DIA: O DIA EM QUE AS CINZAS FICARAM PRESAS NA BARBA SEMPRE POR FAZER

Hoje me dói. Não mais a saudade de uma Curitiba, mas a ida da pele. Manaus ao lado de minha casa? Foi para o Norte a fim de frutificar, crescer como cupuaçu. Escorregou por entre meus dedos mal-lavados e nem deu tempo de se esconder embaixo das unhas: quebraram-se todas. Não mais o acorde que soa em linha reta: tenho-os dissonantes. Nos Andes, abaixo-me nos suores das montanhas, alongo o beijo na terra e fico, fico, fico deserto. Da outra janela solteira, não se sabe de si. Faz o que não quer no dia seguinte e ainda embrulha as gotas por cabos de fibras ópticas. Devolvo os pés ao tênis e vou à angústia do subsolo. Tenho saudades de uma estrela que não se vê por aqui.

Expulsar o que não cabe. Exalar o que não pertence. Calma. Espalha. Queimar a altura do ar. Embaixo dos olhos, tremo os 85 graus acima. Superfície. E esquento os dois negativos abaixo de meu casaco. Pela água dos gêisers, vejo todas as Curitibas explodirem-se, esvaindo-se, indo, indo, indo. Não fosse pelos rasgos? Rindo ao lado, o chapéu branco da Cordilheira que pintou o pouco de verde que ainda resta. Encostar-se à neve teve algum efeito de paralisia? Senti-me como se estivesse colocando os dedos em um congelador. Como são as coisas, não? Seria natural para um escritor russo falar da sensação de se encostar no frio? Ou então se deitar embaixo do quente? Não sei se espero mais. Me dói. Borbulha o vermelho embaixo da epiderme. Isso não se experimenta por palavras.

A morte de um quirquincho por um charango: a velocidade com que corre para comer grãos e legumbres se encontra com o somido alegre e hablador que carrega o instrumento. Fico nesse lugar para mais uma canção. Escuto, no bar ao lado, os Andes

em flautas e cordas. O bater de nada me traz uma certa Curitiba, mas os movimentos de inquietação da terra trincam o que ainda estava para ser consolidado. Essas cordas me fizeram Cordilheira de la Sal, sal, sal.

Vamos e convenhamos: nada sei sobre a dor. De um lado da ruta, caminha sempre na direção certa. Do outro lado, sempre pula a janela e cai descalço em pedaços. Por aqui viajo na direção correta, enquanto que em Curitiba vejo o espelho quebrado. O problema é que do chão em que pisaram, só sobraram os retalhos dos cacos em que eu fiquei.

Hoje, realmente, só sobraram as cinzas dos gêiseres que me escaparam com o vento. Já seguraram uma porção de cinzas e assopraram em direção ao rosto?

VIGÉSIMO SÉTIMO DIA: O QUE UMA XÍCARA DE NESCAFÉ A 4 MIL METROS DE ALTURA NÃO FAZ?

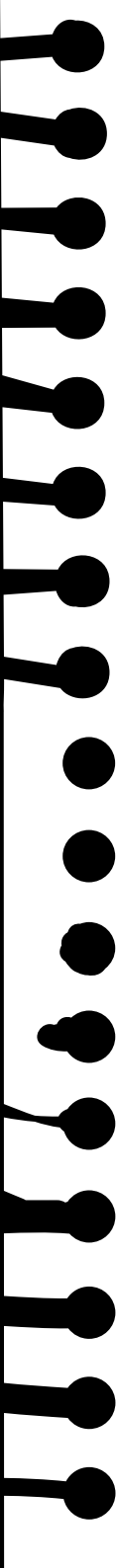
Vou inventar mais um dia: não havia lido meus e-mails. Nem sequer havia chegado perto de um computador. No deserto em que chegamos, deixavam apenas um telefone funcionando e, ainda assim, somente para os atacameños. Nada de saber da pele do norte, do tropical. Deixar o seco das narinas quebrar a cartilagem e ficar com os dedos dos pés marrons da terra chilena. Embaixo da montanha, lavas lambem o céu novamente, mas dessa vez como acrobatas: imitam o sorriso das llamas. Do lado da van, o Nescafé tinge de quente o abaixo de zero branquinho que se forma. Pela bandeja, encontro cachos dos cabelos pretos, cada vez maiores. O cheiro do açúcar com Cordilheira pede por uma manhã morena, com abraços, butterflies no estômago e beijos, beijos, beijos. Essa é a Curitiba que veio dormir ao meu lado com ares de última noite em Buenos Aires.

VIGÉSIMO OITAVO DIA: UM QUIRQUINCHO VESTINDO CORDAS E CANTANDO OS ANDES

Después de dias, acordar sem o despertador. Nada de digital: dessa vez ouvir apenas sol e o ar fresco da manhã no deserto. Acordar com os braços virados entre os dois travesseiros e todas as cobertas deitadas no chão: derrubadas pela fuga do frio madrugada. Desayuno naranja y mermelada. Incrível como um lugar pode mudar o gosto alimentício das pessoas. No início até lutei contra isso, comendo apenas as famosas papas fritas de todos os dias, mas depois de quase 30 dias sem a gordura do restaurante Líder, como até geleia de ameixa! (lógico que para se chegar à cebola seriam necessários alguns anos). Logo após o café da manhã inaugural, fui à feira de artesanias com seus souvenirs andinos. Contando os últimos pesos no bolso, vi que ainda dava tempo para mais um regalo e encontrei uma fronteira Licancabur Bolívia-Chile à venda. Por fim, deixei todos os pesos para os atacameños. E ainda nem sei se me escapará o armadillo.

Mais uma babilônia: sentar-se depois do almoço atacameño. Hostal com suas mesas abraçadas por quatro perros e três gatos. Ao lado do aviário algumas carcaças de animais desérticos. Ao redor de tudo que se cerca, Curitiba, Paris, Londres, Berlim, Tóquio. Todas as cidades transformadas em chilenas. As línguas movem-se em todos os pontos da boca: plosivas, fricativas, dentais. E de dentro da casa não demora a surgir também a gutural.

Depois de muito tatear o deserto com vans babilônicas, as montanhas se agrupam em nossa pele quase como qualquer caminho que nos leva à Curitiba. Ou foi o cansaço? Passar pelos traços em que ficam os indígenas mortos, um Valle de la Muerte que se pinta como Marte, não estava exalando fascínio, mas fadiga. Até que cruzamos o marrom acostumado ao branco de sal:



Valle de la Luna... a terra temperada de pigmentos claros como a neve. Mais uma vez me dói a beleza do Chile. Progressiva. A cada dia, ela abre, ainda mais, seus braços, e não deixa cair nada pelos dedos. Terminar essa viagem com a imagem andina que não é de mais ninguém. Nunca se encontra além. Deito o corpo de um mês por sobre as pedras que se fazem plumas, e guardo, nas retinas, o Sol pelo leste e a Lua Ilena pelo oeste vestindo sua manta Inca.

VIGÉSIMO NONO DIA: PATA-HOIRI DIZ ATÉ LOGO

Olhar o céu mais aberto do mundo. Deserto. Nada que possa entrar pela frente: um giro de 360° e encontrar todas as constelações na posição hemisfério sul. O ciclo atacameño só apareceu assim nessa última noite. Despedida. Porque nos outros dias aconteceu o que nunca se podia imaginar: como San Pedro fica um pouco mais à frente da região mais seca do mundo, ainda que pouco, chove por ali. Dizem que apenas 5 dias por ano. Desse momentos, vimos os 3 últimos. Sim, como dito: choveu no deserto, meu amigo Charlie Brown. Da cama, o barulho da luz do abajur com o virar de folhas secas estagnava meu sono. Garras sobre o colchão. Por debaixo das cobertas, subia o calor que, de tão grande, derruba-as, uma por uma. Nesse ponto, tudo chega a irritar: calor, pernilongo, cobertas, camiseta, a leitura do amigo ao lado e até o som das pálpebras fechando-se e abrindo-se. Estava, assim, como um velho ranzinza. E ainda, para piorar a situação, pela fresta da porta, francesas falam sobre o Valle de la Luna, alemães contam que podem quatro vezes mais, argentinos confirmam a beleza andina e chilenos escolhem o que fazer no dia seguinte nesse longo filete. Saio do colchão, que range a cada orgasmo, e piso o frio da manhã em San Pedro pela última vez: o desayuno piorado a cada estocada e a busca por um esconderijo para o quirquincho entre as roupas.

Do último Copec, ainda o cume mais alto do deserto. Toda a gentileza que vimos dos chilenos foi esquecida na última Nafta 93. Sem olhar para trás, frente ou lado, o dócil esquizofrênico atendente do posto não faz mais que ligar a bomba llena e cobrar pelo serviço: suspiram os pesos e derrubam-se as expectativas de estrada quando percebo um pneu ao chão onde menos podia acontecer. Um carro manco no pior trecho da viagem? Buscar ajuda entre os cachorros. E assim, sem ter o que fazer, esperar a

chegada da llave de rodas para que possamos, então, rodar, rodar, rodar. Mas depois de ser esquecido pelo frentista e lembrado pelo sol que queima o couro cabeludo – já sem possibilidades de sentir os gracejos dos dedos passando por ele – conseguimos trocar o pneu e fomos entregar os últimos 5 mil pesos à única gomería local. A carteira vazia suspira angustiada à espera dos já quase esquecidos reais.

Se nessa volta pudéssemos pular a Argentina...

À espera da última curva chilena, vejo, ao lado, que Licanabur nos olha de viés, tirando o chapéu branco para dizer até logo. Mas nunca que vem essa tal última curva! Subir uma montanha, a 5 mil metros de altura, em uma única reta, me causa a última fadiga andina. 20 por hora. A ruta parece não querer nos deixar ir embora: segura-nos com as duas mãos e ainda coloca algumas llamas e alpacas no meio do caminho para nos impedir a passagem. Pelo canto, a aridez dos cactos que dividem as rocas com a estrada, sofre por querer entrar mais uma vez em minhas narinas. A poucos metros, o Chile da Argentina: a ruta, agora, sangra em pedras e terra, terra, terra: arrancaram todo o asfalto. A América Andina quase escapa pela janela do carro, mas ainda se via o vulcão.

E junto ao deserto deita-se Pata-Hoiri.

TRIGÉSIMO DIA: ONDE FOI PARAR O CONDIMENTO?

Nunca pensei que uma cor me fosse fazer tanta falta. Semanas consumindo o cinza e a areia branca, que quase não percebi por onde já estava passando: verde que te quero verde! As primeiras plantas foram aparecendo nos pés das montanhas, junto aos últimos cactos. Ainda Cordilheira, ainda deserto, mas nesse chão nasce o mato. O cheiro de chuva me trouxe uma Curitiba imediata. Depois dos últimos caracoles, tropeço no interior norte da Argentina: um nome engraçado com gosto salutar de tabaco: Jujuy. Essa primeira parte do fim da Argentina começou a cansar os olhos. Todas as curvas me pareciam as mesmas e a cada movimento de rodas sentia mais o erre puxado desse interior. Não queria mais saber de paisagens, lugares. O clima é de já acabou. Deixei, sim, o caderno escorregar de meus dedos e, entre o desconforto do banco de trás e a reta que parecia nunca mais acabar, peguei no sono mais pesado dos últimos dias. Nada mais vi até a próxima cidade. Uma pequena desatada de nós comendo queijo de cabra na beira da estrada e não pude mais largar o charuto feito nessas terras até passarmos por Corrientes. A noite estranha, delirada em um hotel que foi um dos maiores da região, e que hoje se mostra com paredes descascadas, foi passada com remorsos em meu estômago. Da mesma maneira que chegamos, saímos. Não acha que essa volta está se parecendo com aquelas comidas chilenas que disse há pouco?

...

TRIGÉSIMO PRIMEIRO DIA: BUTTERFLIES NO ESTÔMAGO SÓ DOS SAPOS

O momento de maior fraqueza de escolha nessa viagem foi, talvez, a volta para casa. Havíamos combinado de dormir três dias no norte da Argentina para evitarmos longos tiros com o carro e poupar, assim, o cansaço que seria óbvio. Mas tivemos uma ansiedade exagerada para sentirmos o cheiro de nosso próprio travesseiro, tomarmos banho sem correr o risco de sermos vistos pela janela vizinha e podermos, finalmente, entender o cardápio do início ao fim de qualquer restaurante em que entrássemos! Na primeira oportunidade, combinamos de seguir adiante sem olhar para os lados, fingindo que não era conosco. O truque era não pensar na quilometragem que ainda estava por vir, mas ir buscando o cheiro do verde ficando cada vez mais úmido. Por isso, abrimos os vidros do carro e tocamos para frente. 100 km em 3 horas levando o carro em segunda marcha. Buracos, buracos, buracos. Havia momentos em que não existia mais a estrada, apenas uma grande cratera que nos cercava de roda à roda em todas as direções. O rosto coberto de pó. Todo o respeito às leis de trânsito chilenas foi deixado no porta-malas nessa Argentina esquecida. Até os sapos da estrada, que estavam aos montes, reclamavam quando nos ultrapassavam. Também pudera, esses universos abertos no meio do asfalto surgiram de uma hora para outra – em uma reta desenhada no mapa com régua Faber Castell – quase ficando com o eixo dianteiro do carro. Com esse atraso, chegar a Curitiba tornou-se silencioso: ninguém falava que queria continuar, mas também não se ouvia o contrário. E assim veio a noite. Passar por caminhões em lugares absolutamente inexistentes exigia muita vontade de chegar. Foram necessárias 15 horas para começar a sentir o frio tão conhecido, e a noite se fez manhã, dando bom dia à Lua Llena (que parece não ter desistido de Curitiba desde que saímos daqui), quando cheirei, tão repentinamente, o parque Barigui: estar, sem nada ser como antes.

Nós ficamos em silêncio e só conseguimos dizer “até logo” conforme íamos ficando em frente ao portão de casa...

Curitiba, 31 de janeiro de 2005.

CARLOS MACHADO

Ao acabar de escrever a última linha desta pequena narrativa de viagem, Flores Dias debruçou-se sobre os braços, ainda sentado em sua mesa, e dormiu a noite que não era dele. De nada adiantou estar ao lado dos dois travesseiros e não os usar. No primeiro dia do mês de fevereiro, ainda precisava acabar essa história. Levantou-se desajeitado da cadeira e cambaleou até o banheiro. Foram necessários alguns segundos a fim de entender qual era o hotel dessa parada, até encontrar razão em sua escova de dentes deixada por sobre a pia. Buscou a Colgate de dentro do armário e a forçou até sair uma massa seca, amarelada, de dentro. Desistiu dos dentes e partiu para o banho. Viu o verde dos pampas, as rochas cinzas argentinas, a água salgada e gelada do Pacífico, a areia do deserto e a espuma de seu sabonete passarem pelos seus pés e descerem pelo ralo. Tão logo se deu conta, saiu do chuveiro apressado a tempo de conseguir recolher um pouco dessa água em um copo. Com essa cor, abriu a tampa da caneta que o acompanhou por todo o trajeto e a molhou. Faltava o último suspiro para que o texto pudesse ser entregue: e assim, com um garboso cheiro de havana em seu rosto, assinou: CARLOS MACHADO. Feito isso, colocou os papéis em um envelope, fechou-o e escreveu para seu remetente. Apressou-se em vestir uma roupa limpa e saiu em direção ao correio: com a frieza de um matador profissional, eliminou de vista tudo aquilo que podia lembrar seu nome e postou a carta na caixa de coletas. Quando voltou ao apartamento, abafou-se em pegar na sua agenda o número de seu cliente e ligou: “Carlos, tá feito o trabalho! O texto já está chegando à sua casa. Faltam apenas os nomes dos capítulos e o título do livro. Aliás, muito sugestivo o nome que deu para o meu, quer dizer, o seu ‘a voz do outro’. Bem, aí é só publicá-lo. Mesmo se tiver erros de digitação e ortografia. Sempre passam. Quanto ao dinheiro, a quantia é aquela mesma de sempre. Comigo não tem inflação. É só depositar na conta que te passei, ok? Até logo. Ou, como diriam por essas terras por onde andei: hasta luego, amigo”.

SOBRE O AUTOR

CARLOS MACHADO nasceu em Curitiba, em 1977. É escritor, músico e professor de literatura. Publicou os livros *A voz do outro* (contos, 2004, ed. 7Letras), *Poeira fria* (novela, 2012, ed. Arte & Letra), *Era o vento* (contos, 2019, Ed. Patuá), *Olhos de sal* (novela, 2020, ed. 7Letras), *Flor de alumínio* (contos, 2022, ed. Arte & Letra), *Imagem invertida* (novela 2023, ed. Urutau), entre outros. Tem contos e outros textos publicados em diversas revistas e jornais literários (Revista Oroboro, Revista Ficções, Revista Ideias, Revista Philos, Revista Arte e Letra, Jornal Rascunho, Jornal Cômico, Jornal RelevO, etc.). Participou de algumas antologias, como *48 Contos Paranaenses* (2014), organizada por Luiz Ruffato; *Mágica no Absurdo* (2018), feita para o evento Curitiba Literária 2018, curadoria de Rogério Pereira. Integrou as listas de finalistas do concurso *Off Flip* 2019 e 2021, semifinalista no “IV Prêmio Guarulhos de Literatura” (2020); venceu o prêmio/edital *Outras Palavras*, da Secretaria da Comunicação da Cultura do Paraná (Lei Aldir Blanc) em 2020; foi o 2º lugar no “Concurso Literário da UBE-RJ” (União Brasileira de Escritores do RJ), 2021, com o livro de contos *Era o vento*, etc. Como músico, entre diversos trabalhos, ele tem 6 CDs autorais lançados.



ESTE LIVRO FOI COMPOSTO COM TIPOGRAFIA FIGTREE,
NO FORMATO 14X21 CM E IMPRESSO EM PAPEL AVENA 80G
PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA - GOVERNO DO PARANÁ, COM
RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA - GOVERNO FEDERAL

SINOPSE

Este romance discorre sobre uma jornada lítero-poética pelos contrastes da América do Sul, onde paisagens, culturas e memórias se entrelaçam. Com lirismo único, Carlos Machado nos leva a uma reflexão sobre identidade, pertencimento e as cicatrizes do continente.

O AUTOR

Carlos Machado, nascido em Curitiba (1977), é escritor, músico e professor de Literatura. Autor de 12 livros, como *Era o vento* e *Imagem invertida*, foi finalista do Prêmio Josué Guimarães e do Concurso Literário da UBE-RJ, entre outros. Lançou 6 CDs autorais.

[ROMANCE]

